UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE TURISMO

Analice Faria Ricciardi

Turismo Pop-Ficcional no Universo de Jane Austen: Motivações e Experiências de Visita em Chatsworth House, a “Pemberley” de “Orgulho e Preconceito”

Juiz de Fora
2026

Analice Faria Ricciardi

Turismo Pop-Ficcional no Universo de Jane Austen: Motivações e Experiências de Visita em Chatsworth House, a "Pemberley" de "Orgulho e Preconceito"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelo Curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Professor Humberto Fois-Braga

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora, pela proteção, força e companhia ao longo de toda a trajetória acadêmica, especialmente durante os quatro anos de graduação.

À minha família (meu pai Inácio, minha irmã Ana Luisa e minha mãe Elaine), por todo o apoio incondicional, incentivo e compreensão ao longo desse percurso, com destaque especial para minha mãe que esteve presente em todos os momentos e, certamente, ouviu a palavra “TCC” mais vezes do que gostaria.

À minha tia Eliane, grande admiradora da obra de Jane Austen, cuja memória esteve presente ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho, e que, tenho certeza, teria prazer em acompanhar cada etapa desta pesquisa.

Aos meus grupos de amigas, “GDA” (Nathalia, Giovanna e Isabella) e “TDG” (Emice, Lays e Pietra), que me acompanham há muitos anos e foram fundamentais com apoio, escuta e incentivo em todas as decisões tomadas durante o curso. Em especial, à Raquel, minha irmã de outra mãe, que esteve ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada.

Ao meu orientador, professor Humberto, pelo acompanhamento atento, pela disponibilidade constante, pelo suporte acadêmico e pelo incentivo ao longo de toda a pesquisa, contribuindo de forma decisiva para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este percurso fosse possível.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Comissão de TCC - Turismo

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A banca examinadora composta por Humberto Fois Braga (DEPTUR/UFJF), Guilherme Augusto Pereira Malta (DEPTUR/UFJF), Miriane Sigiliano Frossard Nunes (DEPTUR/UFJF) e Luiz Guilherme Amorim de Castro (convidado externo), instituída pela Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Turismo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, ciente de suas prerrogativas, considerando o resultado do julgamento da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **Turismo Pop-Ficcional No Universo De Jane Austen: Motivações E Experiências De Visita Em Chatsworth House, A "Pemberley" De "Orgulho E Preconceito"**, da discente **Analice Faria Ricciardi** apresenta parecer (X) favorável ( ) desfavorável à aprovação deste trabalho.

A banca apresenta parecer favorável à aprovação deste trabalho, cuja nota é de **100,00** pontos.

Cumpre-se ressaltar que conforme o regulamento de TCC constituído pela CTCC, referendado em assembleia e registrado em ata pelo Departamento de Turismo, em caso de recomendações da Banca Examinadora para correções ou alterações, o(a) discente terá **10 (dez) dias** corridos para a entrega da versão final do TCC ao professor Humberto Fois Braga , que verificará, juntamente com os demais componentes da banca, se houve o cumprimento adequado das alterações sugeridas ou requisitadas: _____ .

Humberto Fois Braga _____
Guilherme Augusto Pereira Malta _____
Miriane Sigiliano Frossard Nunes _____
Luiz Guilherme Amorim de Castro _____

Juiz de Fora, 20 de janeiro de 2026.

Documento assinado eletronicamente por **Humberto Fois Braga**, **Professor(a)**, em 20/01/2026, às 19:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Augusto Pereira Malta**, **Professor(a)**, em 21/01/2026, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Guilherme Amorim de Castro**, **Usuário Externo**, em 21/01/2026, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Miriane Sigiliano Frossard**, **Professor(a)**, em 26/01/2026, às 17:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2830148** e o código CRC **7789E5B1**.

"Como as pessoas mudam! Como os sentimentos se transformam! De um momento para o outro, as expectativas se dissolvem e novas realidades surgem." (Orgulho e Preconceito)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as motivações e experiências de visitas no turismo pop-ficcional associado ao universo Jane Austen, mais especificamente as visitas ao atrativo Chatsworth House (Inglaterra). Este patrimônio histórico foi local de inspiração para a autora e, posteriormente, locação para a casa do personagem Mr. Darcy da obra Orgulho e Preconceito, sendo conhecida ficcionalmente como “Pemberley”. Partiu-se do entendimento de que obras literárias e suas adaptações audiovisuais constroem mundos possíveis ficcionais capazes de orientar expectativas e desejos de viagem. Para tal, são analisados 242 comentários publicados na plataforma TripAdvisor, durante 18 de julho de 2004 e 9 de novembro de 2025, que trazem em seu texto palavras-chaves associadas à tal universo ficcional. A análise serve-se do software Nvivo15, a partir das seguintes categorias: motivações para a visita, momentos de hospitalidade doméstica, posicionamento diegético do visitante e comparações entre mundos real e ficcional fílmico. Os resultados indicaram que, embora a obra seja primariamente literária, são as produções fílmicas do início do século XX que motivam as visitas. Constata-se que a experiência turística em Chatsworth House se estrutura narrativamente a partir de um deslocamento identitário: para “encontrar” Darcy, o visitante precisa primeiro “ser” Elizabeth (a personagem principal que se envolve romanticamente com o proprietário da residência). E, por fim, mesmo as frustrações demonstram certa performatividade das visitantes, posto que não decorre de uma falha do serviço oferecido pela atração, mas, sim, da impossibilidade de encontrar-se com o anfitrião, em “carne e osso” que só existe no domínio da ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo audiovisual. Atrativos histórico-culturais. Experiências de visita. Jane Austen. Chatsworth House

ABSTRACT

This study aims to analyze the motivations and experiences of visitors to pop-fiction tourism sites associated with the world of Jane Austen, specifically visits to Chatsworth House (England). This historic site was a source of inspiration for the author and later became the location for the home of the character Mr. Darcy in Pride and Prejudice, known fictionally as “Pemberley.” The study is based on the understanding that literary works and their audiovisual adaptations construct possible fictional worlds capable of guiding travel expectations and desires. To this aim, 242 comments published on the TripAdvisor platform between July 18, 2004, and November 9, 2025, were analyzed, which contain keywords associated with this fictional universe in their text. The analysis uses Nvido software, based on the following categories: motivations for visiting, moments of domestic hospitality, the visitor's diegetic positioning, and comparisons between the real and fictional film worlds. The results indicate that, although the work is primarily literary, it is the film productions of the early 20th century that motivate visits. It is clear that the tourist experience at Chatsworth House is narratively structured around an identity shift: in order to “meet” Darcy, visitors must first “be” Elizabeth (the main character who becomes romantically involved with the owner of the residence). Finally, even the frustrations demonstrate a certain performativity on the part of the visitors, since they do not stem from a failure of the service offered by the attraction, but rather from the impossibility of meeting the host in “the flesh,” who only exists in the realm of fiction.

KEYWORDS: Audiovisual tourism. Historical and cultural attractions. Visitor experiences. Jane Austen. Chatsworth House.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01: Comentários no TripAdvisor relacionados à Jane Austen no atrativo Chatsworth House.....20
Gráfico 02: Distribuição temporal dos comentários relacionados a Jane Austen no TripAdvisor sobre a Chatsworth House (por mês e ano).....23
Imagem 01: Figura ilustrativa representando as categorias de análise..... 28
Gráfico 03: Motivações para a visitação na Chatsworth House segundo comentários no TripAdvisor.....31
Gráfico 04: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados à motivação para visita à Chatsworth House em comentários do TripAdvisor..... 34
Gráfico 05: Momentos de hospitalidade doméstica vivenciados pelos visitantes.....36
Gráfico 06: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados à hospitalidade doméstica vivenciada na Chatsworth House..... 39
Gráfico 07: Posicionamento diegético do visitante.....41
Gráfico 08: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados ao posicionamento diegético do visitante..... 44
Gráfico 09: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados ao posicionamento intradiegético do visitante..... 45
Gráfico 10: Frustrações e validações vivenciadas pelos visitantes..... 47
Imagem 02: Avaliação geral na plataforma TripAdvisor do atrativo Chatsworth House, em Bakewell, Inglaterra..... 49
Gráfico 11: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados às frustrações e validações do visitante..... 51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....16
3. METODOLOGIA.....20
4. ANÁLISE DOS DADOS.....31
4.1. As motivações para as visitas.....31
4.2. Momentos da Hospitalidade.....35
4.3. Posicionamento diegético do visitante (comportamento).....41
4.4. Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico.....46
5. ANÁLISE TRANSVERSAL E SÍNTESE DOS DADOS.....53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....56
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....59

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o turismo tem se configurado como uma prática cada vez mais orientada pela busca por experiências simbólicas, afetivas e imersivas, nas quais o deslocamento físico é acompanhado, em alguns casos, pelo desejo de vivenciar narrativas previamente conhecidas. Nesse contexto, destacam-se as modalidades de turismo associadas a universos ficcionais, especialmente aqueles oriundos da literatura e do audiovisual, que transformam espaços reais em cenários de mundos imaginados. O turismo pop-ficcional emerge, assim, como uma expressão contemporânea dessa convergência entre cultura, mídia e deslocamento, na qual o visitante não busca apenas conhecer um lugar, mas experimentar sensorial e emocionalmente aquilo que já foi vivido por meio da leitura ou da recepção audiovisual.

As obras de ficção, sejam literárias ou cinematográficas, desempenham papel central na construção de imaginários que moldam expectativas e motivações turísticas. Conforme argumenta Salazar (2012), os imaginários turísticos são socialmente construídos e circulam por meio de narrativas, imagens e discursos midiáticos que antecedem a experiência da viagem. No caso do cinema, a força da imagem visual contribui para a cristalização de referências espaciais compartilhadas, enquanto a literatura atua de maneira mais subjetiva e interpretativa, permitindo ao leitor construir mentalmente cenários e atmosferas que posteriormente orientam seu olhar sobre o espaço real (HERBERT, 2001). Em ambos os casos, esses produtos culturais instauram “mundos possíveis ficcionais” que passam a orientar o olhar do leitor ou espectador sobre o espaço real. Ao decidir visitar locais associados a essas narrativas, o turista não se desloca apenas em direção a um destino geográfico, mas em busca da confirmação material de uma experiência idealizada, previamente construída no plano do imaginário.

A partir desse processo, o sistema turístico se apropria desses universos narrativos ao transformar cidades, vilas, paisagens naturais, casarões e monumentos históricos em atrativos vinculados à ficção. Lugares reais, ao serem utilizados como locações cinematográficas ou ambientações literárias, passam a carregar camadas simbólicas adicionais, convertendo-se em destinos desejados por aqueles que almejam vivenciar, ainda que momentaneamente, a atmosfera das histórias que admiram. Nesse sentido, o turismo pode ser compreendido como um mediador entre o espaço físico e a memória afetiva do visitante, possibilitando que

paisagens reais sejam reinterpretadas à luz de narrativas ficcionais previamente internalizadas. Tal mediação só pode ser plenamente compreendida a partir do conceito de paisagem, entendido não apenas como um dado visual ou natural, mas como uma construção cultural e simbólica. A Convenção Europeia da Paisagem define paisagem como "uma parte do território tal como é percebida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e humanos", destacando o papel central da percepção, da experiência e do significado atribuído pelos sujeitos ao espaço (Council of Europe, 2000). Essa definição desloca a paisagem do campo meramente físico para o campo da experiência vivida e interpretada, fundamental para a análise turística.

No campo da geografia cultural, Denis Cosgrove argumenta que a paisagem deve ser compreendida como uma forma de representação, produzida socialmente e carregada de valores, ideologias e narrativas históricas. Segundo o autor, a paisagem não é neutra nem naturalizada, mas resultado de processos culturais que moldam o modo como o espaço é visto, organizado e significado (COSGROVE, 1984). Essa perspectiva permite compreender como lugares associados à ficção literária e audiovisual passam a ser percebidos não apenas como espaços físicos, mas como suportes materiais de narrativas simbólicas que orientam o olhar do visitante.

Entretanto, essa transposição do imaginário para o mundo real não ocorre sem tensões. As produções literárias e audiovisuais recorrem a recursos técnicos, como enquadramentos, iluminação, edição e cenografia, que constroem uma versão idealizada dos espaços representados. O "real editado" apresentado nos filmes ou descrito nos livros nem sempre corresponde ao "real visitável" encontrado pelo turista. Segundo Beeton (2016), o turismo cinematográfico frequentemente constrói expectativas elevadas, baseadas em versões idealizadas e esteticamente manipuladas dos lugares, o que pode gerar frustração quando o visitante confronta a materialidade cotidiana do espaço. Urry e Larsen (2011) reforçam que o olhar do turista é guiado por imagens prévias e que a discrepância entre representação e experiência concreta constitui uma tensão estrutural da prática turística contemporânea. Como consequência, é comum que surjam frustrações quando a experiência vivida não corresponde às expectativas narrativas previamente construídas, revelando os limites da materialização sensorial da ficção. Ainda assim, tais frustrações não anulam o desejo de pertencimento ao universo ficcional, mas evidenciam a complexidade do encontro entre imaginação e realidade.

Nesse contexto, a obra da escritora inglesa Jane Austen (1775–1817) apresenta-se como um objeto privilegiado de análise. Autora de romances consagrados como *Orgulho e*

Preconceito (1813), *Razão e Sensibilidade (1811)* e *Emma (1815)*, Austen não apenas marcou a literatura inglesa, como construiu um universo narrativo que permanece vivo na cultura contemporânea. Muitas pessoas foram apresentadas às suas obras por meio do ambiente escolar, de relações familiares ou de adaptações audiovisuais, construindo uma relação afetiva que ultrapassa o tempo e confere à autora o status de ícone cultural capaz de motivar viagens e experiências turísticas.

A importância de Jane Austen transcende o campo literário. Suas obras, ao tratarem de temas universais como amor, moralidade e posição social, continuam a dialogar com o público atual, sendo constantemente reinterpretadas no cinema e na televisão. Filmes como *Orgulho e Preconceito (2005)*, *Razão e Sensibilidade (1995)* e *Emma (1996)*, bem como produções inspiradas em seu imaginário, como a série *Bridgerton (2020)* e o filme *Austenlândia (2013)*, ampliaram significativamente o alcance de suas narrativas, intensificando o vínculo emocional do público com os espaços associados à autora e ao universo por ela construído.

A partir dessas adaptações, diversos locais ingleses passaram a ser reconhecidos como destinos turísticos relacionados à vida, à obra e às representações audiovisuais do universo austeniano. Entre os principáis, temos: a Chatsworth House (Derbyshire)[1], The Jane Austen Centre (Bath, Somerset)[2], Casa-Museu Jane Austen (Chawton, Hampshire)[3], catedral onde Jane Austen foi enterrada (Winchester, Hampshire), Lyme Park (Cheshire)[4], Basildon Park (Berkshire)[5], Box Hill (Surrey)[6] e Stourhead Gardens (Wiltshire)[7]. Em cada um desses lugares foi possível encontrar comentários de pessoas que escolheram visitar os locais por conta de obras ou pela própria autora.

Contudo, as avaliações desses atrativos revelam percepções ambíguas: ao mesmo tempo em que muitos visitantes relatam encantamento e satisfação, outros expressam frustrações ao não reconhecerem nos espaços visitados a atmosfera idealizada construída pelos livros e filmes. Partindo do pressuposto que nem sempre as expectativas são atendidas, uma das avaliações encontradas dizia: “Don't expect the Chatsworth in the movies…”[8], contudo, comentários contando sobre o quão impressionante foi a visita aos locais onde Jane

[1] Casa do personagem Fitzgerald Darcy, no adaptação de Orgulho e Preconceito (2005)
[2] Museu que narra a vida da famosa escritora Jane Austen
[3] Último lar de Jane Austen, que hoje é um museu
[4] Casa do personagem Fitzgerald Darcy, no adaptação de Orgulho e Preconceito (1995)
[5] Casa do personagem Charles Bingley, no adaptação de Orgulho e Preconceito (2005)
[6] Colina retratada no livro Emma (1996)
[7] Local de cena na adaptação de Orgulho e Preconceito (2005)
[8] "Não espere o Chatsworth dos filmes..." (tradução própria)

Austen escrevia suas obras “And of course it will not leave fans of Jane Austen indifferent. Since this is where the walls of the 2015 film Pride and Prejudice were partially located. We were impressed by the visit.”[9].

Diante desse cenário, esta pesquisa irá propor uma análise sobre como as motivações turísticas pop-ficcionais, associadas ao universo de Jane Austen, desdobram-se em experiências de visita marcadas por prazeres e frustrações a partir do estudo de comentários publicados no TripAdvisor, site de avaliação turística, sobre o atrativo inglês Chatsworth House que está amplamente relacionado à biografia, às obras literárias e às adaptações audiovisuais da autora.

A escolha de Jane Austen como foco desta pesquisa não se baseia apenas em afinidade pessoal, mas em sua relevância como objeto de investigação acadêmica. No contexto brasileiro, são raros os autores cuja obra tenha sido amplamente adaptada para diferentes mídias e que, ao mesmo tempo, tenha originado uma rede consolidada de atrativos turísticos diretamente vinculados aos seus universos ficcionais. Austen representa um caso exemplar, pois seus romances transitam por múltiplos suportes narrativos e mobilizam experiências turísticas temáticas, eventos literários e espaços físicos que reforçam a presença de seus mundos diegéticos no imaginário coletivo.

Além disso, a presença de Jane Austen no imaginário internacional é potencializada pelo fato de muitas de suas adaptações serem produzidas por estúdios estadunidenses, cuja influência na indústria cinematográfica global amplia ainda mais a circulação de suas obras. Essa projeção internacional contribui para a consolidação da autora como ícone cultural capaz de gerar experiências simbólicas e afetivas em diferentes países, ao contrário de muitos autores brasileiros, cuja recepção permanece majoritariamente restrita ao contexto nacional.

A relevância contemporânea de Jane Austen foi reafirmada recentemente nas celebrações do 250º aniversário de seu nascimento, que impulsionaram o turismo literário na Inglaterra, especialmente na vila de Chawton, onde se localiza sua antiga residência, atualmente convertida no Jane Austen’s House Museum. Ao longo desse período, o espaço promoveu eventos especiais, como a exibição do documentário Austenmania, evidenciando a permanência da autora na cultura pop e sua capacidade contínua de mobilizar visitantes de diferentes partes do mundo.

[9] “E, claro, não deixará os fãs de Jane Austen indiferentes, já que parte das filmagens do aclamado filme Orgulho e Preconceito de 2005 (escrito 2015 por erro de digitação) ocorreu por aqui. A visita nos impressionou bastante.” (tradução própria)

A escolha de Chatsworth House como objeto empírico desta pesquisa fundamentou-se em sua condição de atrativo turístico mais consolidado e recorrente associado à obra e ao imaginário de Jane Austen. Além de existir um histórico amplamente difundido de que a autora teria visitado a propriedade, Chatsworth é frequentemente apontada como inspiração para a construção da residência de Mr. Darcy, Pemberley, em *Orgulho e Preconceito*.

Na trama de *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen introduz o primeiro encontro entre Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy durante um baile realizado em Netherfield, ocasião em que Darcy, recém-chegado à região, demonstra um comportamento reservado e distante, levando Elizabeth a julgá-lo como orgulhoso e excessivamente arrogante. A impressão negativa inicial é reforçada por sua postura social rígida e por comentários que parecem desdenhar da vivacidade e da posição social da protagonista. Ao longo da narrativa, esse julgamento se intensifica quando Elizabeth acredita que Darcy interferiu no relacionamento entre sua irmã Jane e Charles Bingley. Contudo, a relação entre os dois sofre inflexões importantes a partir das visitas posteriores de Elizabeth à propriedade de Darcy, Pemberley, onde o convívio com o espaço doméstico e com o comportamento mais atento e respeitoso do anfitrião permite à protagonista rever suas percepções iniciais. Essas visitas tornam-se decisivas para o amadurecimento do vínculo entre os personagens, revelando que o orgulho e o preconceito que os separavam eram, em grande parte, fruto de equívocos e expectativas sociais.

Esse vínculo referencial entre o patrimônio histórico-cultural inglês e a obra literária foi posteriormente reforçado pelas adaptações audiovisuais da obra, sobretudo pelo filme *Orgulho e Preconceito* (2005), dirigido por Joe Wright, que utilizou a casa como locação. A permanência dessa associação no tempo é evidenciada por iniciativas contemporâneas do próprio atrativo, como o evento Cinema on the South Lawn: Pride and Prejudice, programado para os dias 12 e 13 de junho de 2026, no qual o filme é exibido ao ar livre no gramado sul da propriedade, apresentado explicitamente ao público como “Pemberley”. Esses elementos demonstram como Chatsworth mantém ativa e institucionalizada sua ligação com o universo ficcional austeniano, consolidando-se como um espaço privilegiado de convergência entre literatura, cinema e turismo (Chatsworth House, 2026; TripAdvisor, 2025).

Situada no coração do Peak District, em Derbyshire, Chatsworth House é a residência histórica do duque e da duquesa de Devonshire e um dos patrimônios culturais mais emblemáticos da Inglaterra. O complexo compreende uma casa e estábulos classificados como Grau I, um jardim de aproximadamente 105 acres, um parque com mais de 1.800 acres,

além de espaços voltados ao lazer, à hospitalidade e à fruição cultural. Lar de dezessete gerações da família Devonshire ao longo de quase cinco séculos, a propriedade abriga uma das coleções de arte privadas mais significativas da Europa, atraindo visitantes motivados não apenas pela relação com Jane Austen, mas também pelo interesse em arquitetura, paisagismo, história aristocrática e experiências culturais amplas, que se somam às motivações ficcionais identificadas na pesquisa (Chatsworth House, 2026; TripAdvisor, 2025).

A associação entre Chatsworth House e *Orgulho e Preconceito* fortaleceu-se, portanto, tanto no plano simbólico quanto no prático, a partir de sua utilização como cenário cinematográfico e da constante reatualização dessa ligação por meio de eventos, narrativas institucionais e práticas turísticas. A obra de Jane Austen, centrada nas relações sociais, nos afetos e nas convenções da Inglaterra do século XIX, conferiu ao espaço um valor emocional que ultrapassa sua materialidade histórica. Assim, Chatsworth passou a ser vivenciada como um local onde patrimônio, ficção e memória afetiva se entrelaçam, permitindo que o visitante busque simultaneamente a validação do imaginário literário e cinematográfico e uma experiência cultural mais ampla. Essa centralidade explica por que o atrativo se destacou, no conjunto dos dados analisados, como o espaço relacionado a Jane Austen mais consolidado, recorrente e simbolicamente potente no discurso dos turistas.

Assim, a problemática que orienta este estudo pode ser sintetizada na seguinte questão: como as motivações de turistas ao visitar atrativos ingleses relacionados à biografia, às obras literárias e às adaptações audiovisuais de Jane Austen se transformam em experiências de prazer ou frustração, a partir da análise de comentários em plataformas de avaliação turística? Ao responder a essa indagação, busca-se contribuir para a compreensão das dinâmicas simbólicas e emocionais que atravessam o turismo pop-ficcional, evidenciando como o desejo de pertencimento a mundos imaginados se traduz em práticas turísticas concretas e como o encontro entre ficção e realidade estrutura a experiência do visitante.

Para alcançar esse propósito, busca-se investigar os conceitos e as relações entre turismo pop-ficcional, motivações turísticas, hospitalidade doméstica, experiências de viagem, prazeres e frustrações; refletir sobre os impulsos que levam leitores e espectadores a romperem a inércia do cotidiano e visitarem locais representados em livros e filmes; realizar um levantamento de estudos que relacionem Jane Austen ao turismo; selecionar um atrativo turístico principal associado à autora; construir categorias analíticas a partir dos comentários coletados em plataformas digitais; e analisar como as expectativas e motivações desses turistas se convertem em experiências de prazer ou frustração.

Metodologicamente, esta pesquisa articula uma abordagem teórica e empírica. Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura a partir de bases acadêmicas como o Portal de Periódicos da CAPES, Web of Science e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as palavras-chave “Jane Austen” e “Jane Austen + tourism”, considerando artigos revisados por pares publicados em português e inglês. Em seguida, procedeu-se à análise qualitativa de comentários publicados na plataforma TripAdvisor, referentes ao atrativo Chatsworth House (Derbyshire), local amplamente associado às adaptações audiovisuais de *Orgulho e Preconceito*. A análise desses comentários permite compreender como os visitantes avaliam suas experiências a partir do confronto entre expectativas ficcionais e a vivência concreta no espaço.

Na sequência desta introdução, o trabalho organiza-se em capítulos que visam aprofundar, de forma articulada, os fundamentos teóricos, metodológicos e analíticos da pesquisa. O Referencial Teórico apresenta os principais conceitos que sustentam o estudo, como mundos possíveis ficcionais, mimese, metalepse narrativa, motivações turísticas, experiência, prazer e frustração, estabelecendo o diálogo entre turismo, literatura e audiovisual. Em seguida, o capítulo de Metodologia descreve os procedimentos adotados na coleta, seleção e análise dos dados, detalhando os critérios de escolha do atrativo, do corpus de comentários e das categorias analíticas. O capítulo de Análise dos Dados dedica-se à interpretação sistemática dos comentários do TripAdvisor, examinando as categorias emergentes e os sentidos atribuídos pelos visitantes à experiência em Chatsworth House. Posteriormente, a Análise Transversal e Síntese dos Dados promove o cruzamento das categorias, articulando os resultados parciais em uma leitura integrada que evidencia padrões, tensões e recorrências. Por fim, nas Considerações Finais, são retomados os objetivos da pesquisa, discutidos os principais achados e suas implicações teóricas e empíricas, bem como apontadas limitações do estudo e possibilidades para investigações futuras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A partir de estudos que remontam à Antiguidade Clássica, tendo sido iniciados por pensadores como Platão e Aristóteles, há mais de dois mil anos, a mimese (traduzida como "imitação") tem se apresentado como o conceito que explica a ideia de ficção: imagens ou narrativas que remetem a entidades ou acontecimentos do mundo real, concreto e factual. No pensamento aristotélico, a mimese não deve ser compreendida como mera cópia do real, mas como um processo cognitivo e estético de reorganização da experiência humana, capaz de produzir reconhecimento e prazer no sujeito que a recebe. Nesse sentido, Aristóteles compreende a representação como um modo legítimo de conhecimento do mundo:

> A mimesis aristotélica não se confunde com o decalque ou a cópia do real; ela é, antes, um processo actancial de objetivação do mundo, que se realiza no reconhecimento (anagnorisis) de uma verdade verossímil. (LIMA, 2006, p. 178).

Diante desse contexto, a mimese se torna o esqueleto para o que chamamos de diegético, ou seja, uma dimensão coerente e autônoma, com suas próprias regras, um tempo-espaço onde a representação do real acontece em diferentes níveis e estados de ficcionalização, desde obras que pretendem ser realistas até aquelas cuja estrutura ficcionalizante adquire maior carga de fantasia ou ficção científica. Esses mundos criados no universo das narrativas são chamados de mundos possíveis ficcionais, conceito que encontra raízes na filosofia clássica e moderna.

De acordo com Leibniz (*apud* CAUQUELIN, 2011, p. 56),

> Uma infinidade de mundos cerca o nosso mundo real, aquele que percebemos e no qual vivemos. Por quê? Porque o próprio criador de todas as coisas, Deus, é 'infinitamente infinito', e porque em suas ideias existem infinidades de universos possíveis.

Ou seja, pressupõe-se que existam múltiplas possibilidades de mundos, embora apenas um se concretize como realidade vivida. A partir dessa premissa, o mundo possível ficcional pode ser compreendido como uma encenação daquilo que poderia ter sido, mas não se realizou no plano empírico, permanecendo como potência criativa e narrativa. Quando resgatado pelo espírito criador humano, esse mundo torna-se visível por meio da linguagem, adquirindo valor estético e simbólico, aberto à interpretação de quem o experiencia.

Sendo os mundos possíveis dotados de coerência interna, as experiências literárias e cinematográficas constituem modos de atualização desses universos na mente de quem os frui. O leitor ou espectador transforma a possibilidade em presença, participando ativamente da constituição daquela nova realidade. Umberto Eco ressalta que essa atualização só ocorre plenamente quando há cooperação interpretativa por parte do receptor:

> O texto é uma 'máquina preguiçosa' (Eco, 1979) que espera que o leitor faça parte do seu trabalho. [...] O leitor que entra no mundo do texto deve, durante a leitura,

> tratá-lo como o mundo real e os personagens que o povoam como indivíduos existentes. (ECO *apud* RYAN, 2012, p. 34, tradução nossa).

Nesse sentido, José Luiz Foureaux (2020) afirma que o espectador textual não apenas interpreta, mas produz em si aquilo que inicialmente era apenas imaginário. No campo audiovisual, Mahomed Bamba (2013) observa que o cinema exige a participação ativa do espectador, deslocando o foco da produção para a recepção e analisando como os filmes são consumidos, apropriados e ressignificados.

A leitura de obras literárias e o contato com suas adaptações audiovisuais frequentemente despertam mais do que interesse intelectual, provocando uma experiência sensível e imersiva. Ao se envolver com mundos ficcionais, o sujeito constrói vínculos afetivos com personagens, cenários e conflitos, o que pode gerar o desejo de visitar os espaços associados à narrativa. Esse prolongamento da experiência estética encontra respaldo na teoria da recepção, especialmente em Wolfgang Iser, que relaciona expectativa, prazer e frustração:

> A distância estética, assim caracterizada, determina o caráter artístico de uma obra pelo grau de discrepância entre o horizonte de expectativas prévio e o surgimento da obra, cuja recepção pode resultar em uma 'mudança de horizontes' através da negação de experiências familiares. (JAUSS, 1994, p. 92).

Esse impulso de transpor os limites da ficção e buscar uma experiência tangível dos espaços narrativos revela uma dinâmica próxima à metalepse narrativa. Ao desejar caminhar por lugares associados a personagens fictícios, ocorre uma transgressão entre níveis ontológicos da diegese narrativa. Carlos Reis, a partir de Gérard Genette, define a metalepse como um atravessamento estrutural entre mundos:

> A metalepse narrativa consiste numa transgressão das fronteiras que separam os diferentes níveis da narrativa. Genette define-a como uma intrusão do narrador ou do narratário no universo diegético (ou vice-versa) [...] produzindo efeitos de perturbação da lógica que separa o mundo da história do mundo da narração. (REIS, 2018, p. 211).

No turismo pop-ficcional e literário, observa-se uma espécie de metalepse invertida: não é o personagem que percebe o mundo externo, mas o sujeito do mundo real que deseja adentrar o universo narrativo. Essa modalidade turística pode ser compreendida como uma prática experiencial baseada na apropriação simbólica de universos ficcionais. Como afirmam Pine e Gilmore (1999), "a experiência é o produto", evidenciando que o valor turístico reside na vivência subjetiva.

O turista pop-ficcional e literário possui motivações intensas de ordem simbólica, afetiva e identitária, buscando escapismo, pertencimento e transformação pessoal. Contudo, essas emoções não se limitam ao prazer. Quando a ambientação turística não corresponde às expectativas criadas pela ficção, surge a frustração. Conforme as teses de MacCannell, retomadas por Urry (2001), o fenômeno turístico é marcado por uma busca de autenticidade

que, na prática, revela-se frequentemente como uma construção social. Para o autor, os destinos turísticos costumam oferecer uma "autenticidade encenada", na qual a representação do local é cuidadosamente planejada, o que pode resultar em um descompasso entre a verdade profunda esperada pelo visitante e a realidade encontrada.

Essa frustração pode ser compreendida como dissonância cognitiva (*festinger*), gerada pelo conflito entre expectativa idealizada e experiência real. Ainda assim, quando a experiência é bem-sucedida, o turista vivencia prazer estético e simbólico, sentindo-se acolhido no espaço. Nesse sentido, o turismo estrutura-se, primordialmente, a partir de um deslocamento motivado pela busca de uma determinada experiência, ou seja, o ato de viajar não ocorre de forma aleatória, mas impulsionado por motivações que orientam a escolha do destino. A motivação turística pode ser entendida como o conjunto de impulsos internos e externos que levam o indivíduo a sair de seu cotidiano em direção a um lugar percebido como atrativo, estabelecendo uma relação direta com a noção de atração. O atrativo, por sua vez, constitui o principal elemento que impulsiona a partida, funcionando como o núcleo simbólico em torno do qual se organizam expectativas, desejos e imaginários prévios.

A experiência turística, nesse contexto, corresponde à forma como essa motivação é vivida concretamente no ato de estar no atrativo, envolvendo dimensões sensoriais, emocionais, simbólicas e narrativas. Como existem diferentes tipos de atrativos (naturais, culturais, históricos, religiosos, ficcionais etc.), também se configuram múltiplas possibilidades de experiências, cada uma delas mediada por lógicas específicas de fruição e significação. Entre essas tipologias, destacam-se os atrativos pautados na ideia de hospitalidade doméstica, caracterizados por oferecer ao visitante uma simulação de ser hóspede na casa alheia, promovendo uma experiência de visita íntima e personalizada, voltada ao conhecimento da residência de uma determinada pessoa.

As casas-museus, especialmente aquelas vinculadas a escritores, artistas ou personagens literários, exemplificam de forma clara essa lógica. No caso do universo austeniano, tanto a Jane Austen’s House quanto espaços associados a personagens ficcionais, como Pemberley, operam sob essa chave interpretativa. Chatsworth House, frequentemente associada à residência de Mr. Darcy em *Orgulho e Preconceito*, insere-se nessa categoria de atrativo cuja experiência é moldada pela noção de hospitalidade doméstica, convidando o visitante a percorrer os ambientes não apenas como observador externo, mas como alguém que é temporariamente acolhido naquele espaço.

Essa lógica encontra respaldo no próprio contexto histórico retratado por Jane Austen, no qual as visitas a casas de nobres e conhecidos eram práticas sociais recorrentes, desempenhando papel central na sociabilidade da época. Em *Orgulho e Preconceito*, a visita de Elizabeth Bennet a Pemberley constitui um momento decisivo da narrativa, no qual a protagonista, na condição de hóspede, conhece a residência, observa seus espaços e, a partir dessa vivência, ressignifica tanto o lugar quanto o próprio anfitrião. Assim, os atrativos turísticos contemporâneos inspirados nesse universo narrativo atualizam uma prática social histórica, transformando-a em experiência turística, na qual o visitante revive, de forma simbólica, a condição de hóspede e reconstrói, no presente, os sentidos ficcionais e afetivos associados à casa visitada.

Deste modo, propõe-se que os prazeres e frustrações vivenciados no turismo pop-ficcional decorrem da tensão entre recepção idealizada e experiência concreta, mediada pela metalepse narrativa. Quando o espaço consegue sustentar a ilusão ficcional, o visitante atua como personagem simbólico; quando falha, o sujeito se percebe apenas como consumidor. O turismo pop-ficcional, portanto, consolida-se como uma prática na qual narrativa, desejo e experiência se articulam, permitindo transformar o imaginário em presença e a ficção em memória afetiva.

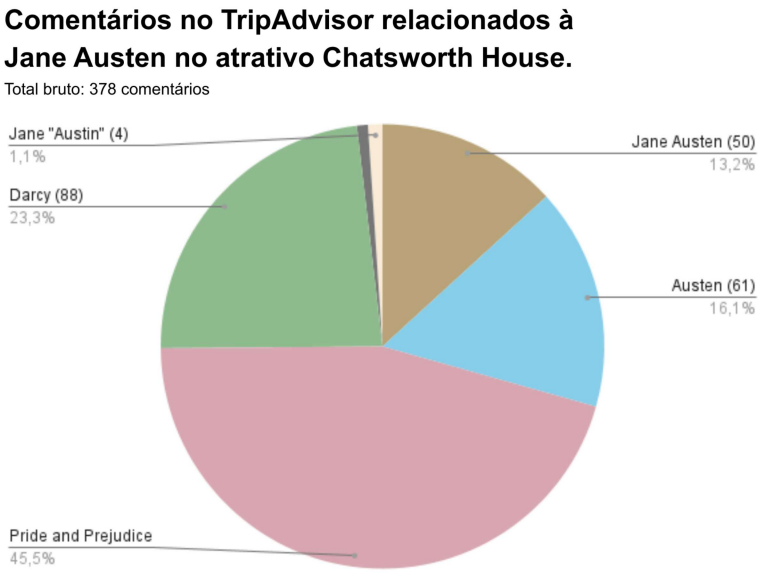
Em síntese, o turismo pop-ficcional manifesta-se não somente como uma abordagem turística tradicional, mas como uma prática experiencial, simbólica e comunicacional que surge do desejo de se conectar com os mundos possíveis fictícios da literatura e cultura pop. Movido por fatores de natureza pessoal e coletiva, essa atividade representa uma travessia entre a realidade e a ficção, onde o turista não apenas se desloca, mas vivencia. Desta forma, além de provocar sentimentos complexos e diversos em que a desfruta, essa vertente consolida-se como uma nova forma de se relacionar com a realidade, saindo do cotidiano e se imergindo em ficções, onde o desejo, narrativa e experiência são um só corpo sensível de vivência, permitindo ao indivíduo transformar o imaginário em presença, a fantasia em memória e a viagem em afirmação simbólica de si mesmo.

3. METODOLOGIA

A segunda etapa da pesquisa foi dedicada à análise prática, com foco na percepção dos visitantes sobre o atrativo turístico selecionado “Chatsworth House”. Para isso, a plataforma digital de opinião escolhida foi o TripAdvisor, visto que apresentou uma quantidade significativa de textos sobre o local. Os comentários foram coletados e organizados por data, idioma, companhias de visitação e nota atribuída, buscando preservar o contexto original das avaliações.

Em um período de 18 de julho de 2004 até 09 de novembro de 2025, foram analisados 9.896 comentários disponíveis na plataforma referentes ao atrativo estudado, dos quais 242 apresentaram relação direta com o universo de Jane Austen, conforme os critérios de seleção adotados na pesquisa, a saber: buscou-se por conteúdos que apresentassem os termos Jane Austen, Austen, Pride and Prejudice (“Orgulho e Preconceito”), Darcy, Elizabeth Bennet e Jane “Austin”.

Gráfico 01: Comentários no TripAdvisor relacionados à Jane Austen no atrativo Chatsworth House.



Fonte: dados da pesquisa.

O gráfico acima representa a totalidade de vezes que um termo apareceu ao longo da pesquisa, considerando que um mesmo comentário poderia apresentar mais de 01 das palavras-chaves empregadas. Assim, por exemplo, um único comentário daqueles 242

repertoriados, em que os termos “Pride and Prejudice” , “Jane Austen” e “Darcy” apareceram no enunciado, foi computado, concomitantemente, nas três categorias. Isto explica termos 242 comentários, embora o gráfico traga uma contagem absoluta de 378 termos.

A partir desse recorte, o gráfico apresenta a distribuição das palavras-chave associadas ao universo austeniano nos comentários do TripAdvisor sobre a Chatsworth House, permitindo compreender, de forma quantitativa, a incidência e a recorrência dessas referências no conjunto analisado.

A palavra-chave “Pride and Prejudice” destaca-se como a mais recorrente, aparecendo em 172 comentários, o que corresponde a 45,5% do total de menções relacionadas a Jane Austen. Esse resultado evidencia que a associação entre Chatsworth House e a obra *Orgulho e Preconceito* constitui o principal eixo simbólico mobilizado pelos visitantes, reforçando a relevância do imaginário literário e, sobretudo (como veremos adiante), das adaptações audiovisuais na construção da experiência turística.

As menções diretas à autora aparecem em proporções menores, totalizando 115 entradas. O termo “Austen” ocorre em 61 comentários (16,1%), enquanto “Jane Austen” é citado em 50 comentários (13,2%) e “Jane ‘Austin’” aparece em 4 comentários (1,1%) e corresponde a um erro ortográfico recorrente, cuja baixa frequência é, ainda assim, metodologicamente relevante por evidenciar limitações da análise baseada em palavras-chave e a necessidade de considerar variações linguísticas no tratamento dos dados. Esses resultados indicam que, embora a autora seja reconhecida, sua presença simbólica é menos mobilizada do que a obra, reforçando a hipótese de que o engajamento do público ocorre majoritariamente por meio da ficção e de suas representações. Veremos, ainda, que o indicativo do nome se vincula muito mais à autoria da obra literária em evidência do que questões relacionadas à sua biografia.

Em seguida, o termo “Darcy” é identificado em 88 comentários (23,3%), o que evidencia a centralidade do personagem Mr. Darcy na narrativa construída pelos visitantes. Mais do que uma referência a um protagonista ficcional, essa recorrência indica que Darcy é percebido como o morador simbólico e anfitrião da residência, condição que organiza a experiência turística a partir de uma lógica de hospitalidade doméstica ficcional. Na trama de *Orgulho e Preconceito*, Darcy é apresentado como o proprietário de Pemberley, espaço que concentra não apenas sua posição social, mas também sua identidade narrativa, como se observa no diálogo em que se destaca a herança e o cuidado intergeracional da propriedade:

“— [Pemberley] tem sido obra de muitas gerações. — É verdade; e além disso, foi enriquecida pelo seu próprio gosto” (AUSTEN, 2011, p. 42).

Ao ser constantemente mencionado nos comentários, Darcy atua como um mediador afetivo entre o visitante e o espaço, funcionando como figura-anfitriã que legitima a experiência e permite que Chatsworth House seja lida não apenas como um monumento histórico, mas como uma casa habitada narrativamente. Assim, a presença reiterada do personagem reforça a construção de sentido discutida no referencial teórico, na qual a visita é organizada menos pela materialidade do patrimônio e mais pela ativação de vínculos emocionais e ficcionais ancorados na figura do anfitrião.

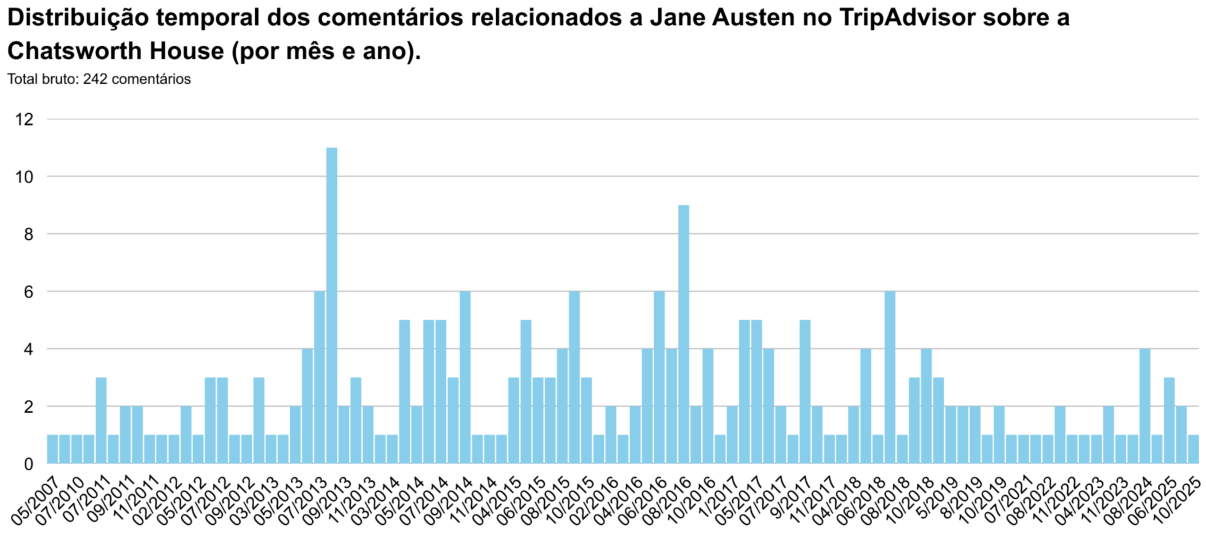
As menções a Elizabeth Bennet aparecem de forma residual, com apenas 3 comentários (0,8%), o que poderia indicar, à primeira vista, que a experiência turística se concentra sobretudo em elementos narrativos mais amplamente difundidos, como o título da obra ou a figura de Mr. Darcy. No entanto, essa baixa incidência nominal não reduz a importância da personagem no processo de mediação simbólica do espaço. Em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth ocupa o lugar de hóspede, sendo sua visita a Pemberley o principal ponto narrativo por meio do qual o leitor e, por extensão, o visitante, conhece e avalia a residência. É a partir de seu olhar que a casa e a paisagem são apresentadas, como evidencia o trecho em que “Elizabeth ficou encantada” (AUSTEN, 2011, p. 244), ao conhecer a propriedade, reconhecendo nela uma beleza natural pouco afetada por artificialismos. A expectativa em torno da visita também estrutura sua relação com o lugar, quando, mesmo frustrada por não conhecer os Lagos, ela se consola ao lembrar-se da fama de Pemberley e sente-se “realmente contente por ir vê-lo” (AUSTEN, 2011, p. 242). Essa experiência culmina em uma dimensão aspiracional, expressa no momento em que “Elizabeth, ao contemplar a cena, sentiu que ser a senhora de Pemberley devia ser alguma coisa!” (AUSTEN, 2011, p. 245). Dessa forma, ainda que pouco citada diretamente nos comentários, Elizabeth Bennet desempenha papel central na construção da experiência turística, pois é por meio de sua condição de visitante que o espaço se torna legível, desejável e emocionalmente significativo.

Os resultados demonstram que, embora Chatsworth House seja um patrimônio histórico, sua apropriação simbólica pelos visitantes ocorre majoritariamente por meio da ficção literária e cinematográfica, sobretudo a partir de *Orgulho e Preconceito*. A análise quantitativa reforça a compreensão do atrativo como um espaço de produção de sentidos narrativos, no qual o turismo cultural se articula ao turismo literário e ao do audiovisual, independentemente do grau de familiaridade prévia dos visitantes com a obra de Jane Austen.

Os dados indicam, ainda, que esse processo de significação não se restringe ao público explicitamente identificado como fã da autora. Comentários de visitantes que se autodeclaram não fãs revelam o reconhecimento da importância simbólica de Jane Austen no local, como exemplificado pelo relato "If you are a Jane Austen fan (I am not one)".[10] De modo semelhante, registros de visitas realizadas por acompanhantes, frequentemente motivadas pelo interesse de familiares, em sua maioria mulheres, demonstram a dimensão relacional e coletiva da experiência turística, conforme expresso em depoimentos como "my mother is a huge fan of Jane Austen".[11] Esses achados reforçam que a mobilização do universo austeniano em Chatsworth House extrapola o engajamento individual, operando também por meio de vínculos sociais e afetivos que ampliam o alcance do turismo literário no espaço analisado.

Visando contextualizar temporalmente esta pesquisa, o gráfico a seguir expõe a distribuição dos 242 comentários analisados ao longo dos meses e anos de publicação na plataforma TripAdvisor.

Gráfico 02: Distribuição temporal dos comentários relacionados a Jane Austen no TripAdvisor sobre a Chatsworth House (por mês e ano).



Fonte: dados da pesquisa.

A primeira avaliação registrada sobre Chatsworth House na plataforma TripAdvisor data de 18 de julho de 2004; contudo, apenas em 16 de maio de 2007 surge o primeiro comentário que menciona explicitamente Jane Austen ou a obra *Orgulho e Preconceito*. Entre

[10] "Se você for fã de Jane Austen (eu não sou um)" - tradução própria
[11] "Minha mãe é uma grande fã da Jane Austen" - tradução própria

essas duas datas, foram publicados apenas dez comentários, nos quais ainda não se observa a associação direta com o universo ficcional. É somente a partir dessa menção inaugural, vindo no décimo-primeiro comentário (o de 16 de maio de 2007), que o atrativo passa a ser narrativamente reconhecido sob a chave fílmica, como evidencia a afirmação de que "no wonder they chose Chatsworth to use in the movie Pride and Prejudice"[12], marcando o momento em que a leitura do espaço começa a ser estruturada prioritariamente a partir de sua inserção cinematográfica.

A ocorrência desse primeiro comentário (maio de 2007) é, aproximadamente, dois anos após o lançamento do filme que foi exibido no Reino Unido em setembro de 2005, nos Estados Unidos em novembro do mesmo ano e no Brasil em fevereiro de 2006 e sugere uma defasagem temporal compatível com a consolidação do impacto cultural da adaptação cinematográfica sobre os fluxos turísticos e sobre a produção discursiva dos visitantes. Tal intervalo indica que a apropriação simbólica de Chatsworth House enquanto referência ao universo austeniano não se dá de forma imediata, mas se estabiliza progressivamente, à medida que o filme se difunde internacionalmente e passa a integrar o repertório de expectativas e motivações dos visitantes que posteriormente registram suas experiências na plataforma.[13]

A análise do panorama temporal das menções revela uma distribuição irregular ao longo do tempo, com a ocorrência de picos concentrados em períodos específicos, sobretudo entre os anos de 2013 e 2016 e nos meses correspondentes à primavera e ao verão no Reino Unido. Tal irregularidade indica que a mobilização discursiva do imaginário austeniano não se dá de forma constante, mas responde a estímulos contextuais de natureza cultural, midiática e institucional.

Os resultados quantitativos indicam que o principal pico da série temporal ocorreu em agosto de 2013, com 11 registros, seguido por outros períodos de maior incidência, como agosto de 2016 (9 comentários), junho e setembro de 2016 (6 comentários em cada mês) e setembro de 2014 (6 comentários). Essas concentrações não se configuram como ocorrências aleatórias, podendo ser interpretadas à luz de fatores externos relacionados à intensificação da visibilidade cultural de Chatsworth House enquanto espaço simbólico associado à obra de Jane Austen.

---

[12] "Não é de se admirar que tenham escolhido Chatsworth para ser usada no filme Orgulho e Preconceito." - tradução própria.

[13] É importante ressaltar que o local já se encontrava aberto antes das gravações das adaptações, porém com cunho mais histórico-cultural.

No caso específico de 2013, o aumento expressivo das menções coincide com um conjunto de ações e eventos que reforçaram de maneira significativa o vínculo entre o atrativo e o universo ficcional de *Orgulho e Preconceito*. Nesse ano, Chatsworth House foi utilizada como locação para a minissérie da *BBC Death Comes to Pemberley*, adaptação do romance de P.D. James que dá continuidade à narrativa de Austen, reativando o imaginário do casal Darcy e Elizabeth e reafirmando a casa como o "Pemberley real". Paralelamente, entre julho e agosto de 2013, foi realizada a exposição temporária A Georgian Summer: Celebrating 200 Years of Pride and Prejudice, que exibiu figurinos originais do filme de 2005, incluindo o icônico vestido de Elizabeth Bennet, além de consolidar o busto de Mr. Darcy como uma das atrações mais fotografadas da propriedade. Soma-se a esse contexto a realização do baile temático da Regência, em junho de 2013, no Painted Hall, bem como apresentações de teatro ao ar livre nos jardins, encenando a narrativa do romance. Conjuntamente, essas iniciativas contribuíram para intensificar a produção de comentários que acionam referências literárias e cinematográficas no período analisado.

De modo semelhante, os picos observados em 2016 podem ser compreendidos à luz das celebrações do bicentenário da publicação de Emma (1816–2016). Ainda que as ações centrais desse marco tenham se concentrado em Chawton House, local diretamente associado à biografia de Jane Austen, o ano de 2016 foi marcado pela organização de roteiros turísticos e visitas temáticas que incluíam Chatsworth House como o "verdadeiro Pemberley", especialmente por parte de sociedades literárias e grupos especializados. Esse movimento contribuiu para a reativação simbólica do atrativo no contexto mais amplo das comemorações austenianas, refletindo-se no aumento das menções registradas nos comentários do TripAdvisor.

Além dos fatores culturais e midiáticos, a sazonalidade turística se apresenta como um elemento estruturante na distribuição temporal das menções, diretamente relacionada ao calendário de visitação de Chatsworth House, que permanece aberta ao público apenas entre os meses de março e dezembro. Nesse intervalo, observa-se maior concentração de registros durante a primavera e o verão, período em que os jardins estão em pleno florescimento e as condições climáticas favorecem permanências mais longas e a exploração das áreas externas.

Nos anos posteriores aos principais picos observados na série temporal, especialmente a partir de 2018, identifica-se uma redução gradual na frequência absoluta de menções relacionadas a Austen, passando a predominar registros mais esporádicos, geralmente entre um e três comentários mensais. Ainda assim, a persistência dessas referências indica que o

vínculo simbólico entre Chatsworth House e o universo austeniano permanece ativo no discurso dos visitantes, operando como um repertório narrativo latente, acionado sobretudo por aqueles que chegam ao atrativo munidos de expectativas construídas pela literatura e pelo audiovisual.

A análise dos comentários disponíveis na plataforma TripAdvisor apresenta limitações inerentes às informações que são tornadas públicas pelos usuários. Não foi possível acessar dados sociodemográficos, como gênero e faixa etária dos visitantes, uma vez que tais informações não são disponibilizadas pela plataforma. Essa restrição metodológica impede a construção de um perfil mais preciso do público que mobiliza o universo de Jane Austen em seus relatos, limitando a análise a inferências baseadas exclusivamente no conteúdo textual dos comentários e não em características individuais dos sujeitos.

Apesar dessa limitação, o corpus analisado oferece indícios discursivos que permitem levantar hipóteses interpretativas com a devida cautela. Observa-se a recorrência de relatos de visitas realizadas por acompanhantes (cerca de 26 dos comentários diziam estar acompanhados), frequentemente associados ao interesse de esposas ou familiares do sexo feminino pelo filme *Orgulho e Preconceito.* Comentários como "Visited Chatsworth to sate wife's love for the Pride & Prejudice film"[14] e "the wife dragged me"[15] evidenciam a dimensão relacional da experiência turística e sugerem uma possível predominância feminina no engajamento direto com o universo austeniano, ainda que tal dado não possa ser comprovado estatisticamente. Ademais, embora o TripAdvisor permita a publicação de avaliações em diferentes idiomas, todos os comentários selecionados para esta pesquisa foram redigidos em língua inglesa, o que delimita linguisticamente o corpus e, ao mesmo tempo, reforça o caráter internacional do atrativo e a centralidade do inglês como língua de mediação das experiências compartilhadas.

Após a etapa de coleta, os dados foram organizados e sistematizados com o auxílio do software NVivo (versão 15), o que possibilitou a estruturação do corpus por meio da criação de hierarquias de códigos, da geração de nuvens de palavras e da ordenação dos comentários. Esses procedimentos tiveram como finalidade preparar o material empírico para análises posteriores, sendo a interpretação aprofundada dos padrões discursivos desenvolvida no capítulo seguinte. A análise dos comentários publicados na plataforma TripAdvisor referentes ao atrativo Chatsworth House foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa de análise

[14] "Visitei Chatsworth para satisfazer o amor da minha esposa pelo filme Orgulho e Preconceito." - tradução própria
[15] "Minha esposa me arrastou." - tradução própria

de conteúdo, fundamentada na leitura sistemática e na categorização dos trechos que apresentavam relação direta ou indireta com Jane Austen, sua obra e seus desdobramentos ficcionais.

O processo de categorização assumiu caráter dinâmico e interpretativo, articulando categorias inicialmente dedutivas, formuladas a partir do referencial teórico, e categorias indutivas, que emergiram progressivamente do próprio corpus analisado. Ao longo da leitura e codificação dos comentários, constatou-se que parte das categorias dedutivas apresentava limitações interpretativas ou sobreposições conceituais, motivo pelo qual foram reformuladas, fundidas ou descartadas, consolidando-se, ao final, um conjunto de categorias indutivas mais aderentes às especificidades discursivas do material empírico. Metodologicamente, cada categoria principal foi definida a partir da recorrência e da centralidade dos temas identificados no corpus, sendo acompanhada de subcódigos que detalham as variações discursivas observadas em cada eixo analítico.

Sendo assim, no final, as seguintes categorias foram definidas para o processo de codificação no NVivo: 1. Motivações para a visita: motivação fílmica, motivação literária, motivação menção à autora, motivação menção ao universo diegético, motivação para além de Jane Austen e seu universo ficcional; 2. Momentos da Hospitalidade Doméstica ao longo da visita: aproximação do castelo, encontros e relações com o anfitrião (Mr. Darcy), eventos e festividades, passeios pelos cômodos (áreas internas), passeios pelos jardins e áreas externas; 3. Posicionamento diegético do visitante (comportamento): extradiegético (comprar, fotografar, outras ações), intradiegético (performar entre-meio /nem lá nem cá, performar personagens) e projeção inspiracional na autoria; 4. Comparações entre mundos real e ficcional fílmico: frustrações (frustrações extradiegéticas, frustrações intradiegéticas) e validar (validar importância autoral como lócus inspiracional, validar importância ficcional, validar verossimilhança na experiência vivida); 5. Outros dados: não ser fã de Jane Austen, visitas acompanhadas.

Imagem 01: Figura ilustrativa representando as categorias de análise.



Fonte: autoria própria.

A categoria “Motivações para a visita” foi elaborada com o objetivo de compreender as razões explicitadas ou implícitas que levaram os visitantes a conhecer Chatsworth House. Seus subcódigos (motivação fílmica, motivação literária, menção à autora, menção ao universo diegético e motivações para além de Jane Austen e seu universo ficcional) emergiram da análise reiterada de comentários que associavam a decisão de visita tanto a adaptações cinematográficas, especialmente “*Orgulho e Preconceito*”, quanto à obra literária, à figura autoral de Jane Austen e a elementos do mundo ficcional, como Pemberley e a atmosfera regencial. O subcódigo referente a motivações para além do universo austeniano foi incluído para abarcar discursos nos quais a visita é justificada por aspectos patrimoniais ou paisagísticos, ainda que permeados por referências diegéticas secundárias.

A categoria “Momentos da hospitalidade doméstica ao longo da visita” foi construída a partir da compreensão de Chatsworth House como uma casa habitada simbolicamente, na qual o visitante narra sua experiência por meio de práticas associadas à acolhida e à circulação pelo espaço. Os subcódigos (aproximação do castelo, encontros e relações com o anfitrião (Mr. Darcy), eventos e festividades, passeios pelos cômodos internos e passeios pelos jardins e áreas externas) derivam da observação de trechos nos quais os visitantes descrevem etapas específicas da visita, frequentemente mobilizando uma linguagem narrativa que aproxima o espaço real do universo ficcional.

A categoria “Posicionamento diegético do visitante (comportamento)” foi definida para analisar como os sujeitos se situam em relação ao universo ficcional durante a visita. A distinção entre posicionamentos extradiegéticos e intradiegéticos emergiu da leitura dos comentários, evidenciando diferentes níveis de imersão. No âmbito extradiegético, os subcódigos comprar, fotografar e outras ações correspondem a práticas turísticas convencionais relatadas nos comentários. Já no âmbito intradiegético, os subcódigos performar entre-meio, performar personagens e projeção inspiracional na autoria foram elaborados para captar discursos nos quais o visitante se insere simbolicamente no mundo ficcional, seja por meio de performances imaginativas, seja pela projeção de si em relação à figura de Jane Austen enquanto criadora do universo narrativo.

A categoria “Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico” foi estruturada para compreender como os visitantes avaliam a experiência vivida a partir do confronto entre expectativas construídas pelo cinema e pela literatura e a vivência concreta no atrativo. Os subcódigos frustrações extradiegéticas e frustrações intradiegéticas foram definidos a partir de comentários que expressam desalinhamentos, seja em relação à infraestrutura e organização do espaço, seja quanto à ausência de correspondência com o imaginário ficcional esperado. Em contraposição, os subcódigos de validação (importância autoral, da importância ficcional e da verossimilhança da experiência vivida) emergiram de relatos que confirmam e reforçam a legitimidade simbólica de Chatsworth House como espaço associado ao universo austeniano.

Por fim, a categoria “Outros dados” foi incorporada como eixo complementar de contextualização, reunindo subcódigos como não ser fã de Jane Austen e visitas acompanhadas. Esses elementos, embora não centrais para a construção do imaginário ficcional, mostraram-se relevantes para compreender a diversidade de perfis dos visitantes e a dimensão social e coletiva da experiência turística.

No âmbito deste capítulo metodológico, a atenção concentrou-se na apresentação dos procedimentos de coleta, organização, recorte e catalogação dos comentários extraídos da plataforma TripAdvisor, bem como na explicitação das estratégias adotadas para o tratamento do corpus com o auxílio do software NVivo. Foram descritos os critérios que orientaram a seleção dos comentários relacionados ao universo de Jane Austen, a construção da matriz de categorização e a definição das categorias e subcódigos, além da análise descritiva dos dados quantitativos expressos nos gráficos de distribuição temporal, de incidência de palavras-chave e na nuvem de palavras, a qual foi gerada a partir da configuração de 50 palavras, com extensão mínima de três letras por palavra, excluindo-se os termos “Chatsworth” e “House”

por sua recorrência estrutural no corpus. Esses recursos permitiram dimensionar a presença e a recorrência das referências austenianas no conjunto analisado e evidenciar a irregularidade de sua ocorrência ao longo do tempo, sem avançar, neste momento, para interpretações de natureza analítica.

Dessa forma, o capítulo de metodologia cumpre o papel de delimitar o corpus empírico, justificar as escolhas metodológicas realizadas e apresentar os instrumentos técnicos utilizados para a organização, visualização e sistematização dos dados. Os procedimentos aqui detalhados estabelecem o suporte empírico e analítico necessário para o desenvolvimento do capítulo seguinte, dedicado à análise, no qual serão examinadas, de forma aprofundada, as categorias elaboradas e os modos pelos quais o universo de Jane Austen é mobilizado discursivamente pelos visitantes de Chatsworth House.

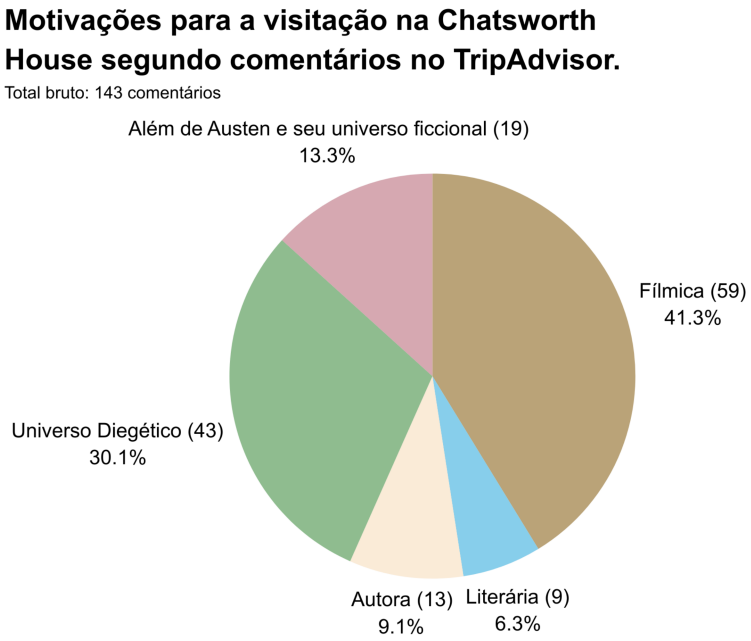
4. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, apresenta-se a análise dos dados reunidos por categorias e a partir dos comentários dos visitantes, buscando identificar padrões recorrentes de comportamento e avaliação da experiência turística.

4.1. As motivações para as visitas

A categoria "Motivações para a visita" foi elaborada com o intuito de identificar e compreender as razões explicitadas ou sugeridas pelos visitantes para a escolha de Chatsworth House como destino turístico, especialmente quando essas razões se articulam ao universo de Jane Austen. Partiu-se da expectativa de que o cinema exercesse papel relevante na decisão de visita, considerando a associação recorrente do atrativo com *Orgulho e Preconceito*. Ao mesmo tempo, buscou-se verificar em que medida essas motivações se manifestam de forma direta ou indireta, combinando referências ficcionais, autorais e patrimoniais. Nesse sentido, a categoria responde à seguinte questão: de que maneira o universo austeniano mobiliza, orienta ou atravessa as motivações dos visitantes de Chatsworth House?

Gráfico 03: Motivações para a visitação na Chatsworth House segundo comentários no TripAdvisor.



Fonte: dados da pesquisa.

Do ponto de vista da distribuição hierárquica dos subcódigos, observa-se que a motivação fílmica ocupa posição claramente predominante, concentrando 59 ocorrências (41,3%). Em seguida, destaca-se a menção ao universo diegético, com 43 ocorrências (30,1%), evidenciando referências ao mundo ficcional de forma mais difusa, como Pemberley, a atmosfera regencial ou cenas imaginadas, nem sempre acompanhadas de menção explícita ao filme ou à autora. Na terceira posição aparecem as motivações para além de Jane Austen e seu universo ficcional, com 19 ocorrências (13,3%), seguidas pela menção à autora, que totaliza 13 ocorrências (9,1%). Por fim, a motivação literária apresenta a menor incidência, com 9 ocorrências (6,3%), configurando-se como o subcódigo menos acionado pelos visitantes.

A partir dos dados apresentados, o resultado de maior incidência "motivações fílmicas" (41,3%) é confirmado nos comentários em que os visitantes apontam explicitamente o filme *Pride & Prejudice (2005)* como principal fator desencadeador da visita. Expressões como "I am one of the many visitors who was drawn here because of the 2005 Pride & Prejudice film"[16] e "I first found out about Chatsworth through the 2005 adaptation of Jane Austen's Pride and Prejudice"[17] evidenciam que, para uma parcela significativa do público, o primeiro contato simbólico com Chatsworth House se dá por meio da mediação cinematográfica, que consolida o reconhecimento do espaço enquanto Pemberley.

Em seguida, destaca-se a menção ao universo diegético, com 43 ocorrências (30,1%), reunindo comentários que acionam o mundo ficcional de forma mais difusa, sem necessariamente mencionar diretamente o filme ou a autora. Exemplos como "I wanted to come here because it was the inspiration for Mr. Darcy's Pemberley in P&P"[18] e "I'm a Pride and Prejudice fan, and was super excited to come here. I was not disappointed"[19] ilustram como o visitante mobiliza personagens, cenários e atmosferas narrativas como elementos centrais da experiência. Cabe ressaltar que parte dessas referências diegéticas pode ser compreendida como uma extensão da motivação fílmica, uma vez que muitos comentários evocam elementos popularizados pelo audiovisual como a figura de Mr. Darcy, cenas

[16] "Sou um dos muitos visitantes que foram atraídos até aqui por causa do filme Orgulho e Preconceito de 2005." - tradução própria
[17] "Tomei conhecimento de Chatsworth pela primeira vez por meio da adaptação de 2005 de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen." - tradução própria
[18] "Quis vir até aqui porque este lugar foi a inspiração para Pemberley, a propriedade do Sr. Darcy, em Orgulho e Preconceito." - tradução própria
[19] "Sou fã de Orgulho e Preconceito e fiquei extremamente animado(a) para vir até aqui. Não me decepcionei." - tradução própria

emblemáticas ou objetos associados ao filme ainda que classificados metodologicamente como universo diegético.

As motivações para além de Jane Austen e seu universo ficcional, identificadas em 19 ocorrências (13,3%), revelam discursos nos quais a visita é justificada por atributos históricos, patrimoniais e paisagísticos do atrativo, mesmo quando o imaginário austeniano permanece como referência secundária. Isso se evidencia em comentários como “I have always dreamed of visiting Chatsworth, not just because of the famous scene from Pride & Prejudice, but also to view the ancestral seat of the Duke & Duchess of Devonshire”[20] ou ainda “but you do not have to be a lover of Mr. Darcy to appreciate this remarkable, old estate”.[21] Esses registros indicam que o universo ficcional não substitui outras motivações turísticas, mas se articula a elas, ampliando o repertório de sentidos associados à visita.

A menção direta à autora, com 13 ocorrências (9,1%), aparece associada sobretudo a um vínculo afetivo e identitário com Jane Austen, como expresso em relatos do tipo “I had been desperate to visit for years being a huge Jane Austen fan”[22] e “I am an avid Austen fan and was positively desperate to visit Chatsworth for my birthday weekend trip”.[23] Nesses casos, a figura autoral funciona como elemento legitimador da experiência, ancorando a visita em um reconhecimento cultural mais amplo da escritora, ainda que sem detalhamento de aspectos biográficos.

Por fim, a motivação literária, com apenas 9 ocorrências (6,3%), apresenta a menor incidência entre os subcódigos. Os comentários enquadrados nessa categoria enfatizam a leitura prévia das obras como fator determinante da visita, como em “Ever since I could read, I’ve loved the classics like Jane Eyre and Pride and Prejudice”[24] e “Having read and loved Pride and Prejudice for years it was a lifelong dream to visit here”.[25] A baixa frequência desse tipo de relato sugere que o turismo literário associado a Chatsworth House se manifesta, majoritariamente, por meio de mediações audiovisuais e imaginários compartilhados, mais do que pela leitura literária em sentido estrito.

---

[20] “Sempre sonhei em visitar Chatsworth, não apenas por causa da cena famosa de Orgulho e Preconceito, mas também para conhecer a residência ancestral do Duque e da Duquesa de Devonshire.” - tradução própria

[21] “mas não é preciso ser um admirador do Sr. Darcy para apreciar esta notável e antiga propriedade.” - tradução própria

[22] “Eu estava ansioso(a) para visitar há anos, por ser um(a) grande fã de Jane Austen.” - tradução própria

[23] “Sou um(a) fã fervoroso(a) de Jane Austen e estava realmente desesperado(a) para visitar Chatsworth na viagem de fim de semana do meu aniversário.” - tradução própria.

[24] “Desde que aprendi a ler, sempre amei os clássicos, como Jane Eyre e Orgulho e Preconceito” - tradução própria.

[25] “Tendo lido e amado Orgulho e Preconceito por anos, visitar este lugar foi um sonho de toda a vida”. - tradução própria.

Em conjunto, esses dados reforçam que Chatsworth House se consolida como um espaço híbrido de experiência turística, no qual patrimônio histórico, ficção cinematográfica e referências literárias se entrelaçam. A centralidade da motivação fílmica e a expressiva presença do universo diegético indicam que o engajamento dos visitantes ocorre sobretudo pela circulação ampliada de imagens, personagens e atmosferas narrativas, enquanto a autora e a obra literária operam como referências simbólicas que legitimam e aprofundam esse vínculo.

A nuvem de palavras a seguir sintetiza os termos mais recorrentes nos comentários analisados, permitindo visualizar, de forma imediata, os principais eixos simbólicos mobilizados pelos visitantes na construção de sentido sobre a experiência em Chatsworth House.

Gráfico 04: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados à motivação para visita à Chatsworth House em comentários do TripAdvisor.



Fonte: dados da pesquisa.

Este gráfico reforça empiricamente os resultados apresentados anteriormente ao evidenciar a centralidade da mediação fílmica na construção de sentido associada à visita a Chatsworth House. Termos como “movie” (“filme”), “film” (“filme”), “2005”, “version” (“versão”), “Keira”[26] e “featured” aparecem com grande destaque, confirmando que a adaptação cinematográfica de *Orgulho e Preconceito (2005)* opera como principal vetor simbólico de reconhecimento do espaço. A recorrência de palavras como “Pemberley”,

[26] O nome Keira refere-se à atriz Keira Knightley que interpreta Elizabeth Bennet, na adaptação de 2005 de Orgulho e Preconceito.

“Darcy”, “pride” (“orgulho”) e “prejudice” (“preconceito”) demonstra que o atrativo é amplamente significado a partir do universo diegético, no qual a casa é percebida menos como patrimônio histórico autônomo e mais como materialização do espaço ficcional. Esses elementos corroboram a ideia de que a experiência turística é orientada por narrativas audiovisuais que antecedem e moldam o olhar do visitante, funcionando como prova concreta do processo de construção de sentido discutido na análise quantitativa.

Além disso, a presença simultânea de termos afetivos e experienciais como “love” (“amo”), “huge” (“grande”), “dream” (“sonho”), “excited” (“empolgado”), “wanted” (“desejado”), “experience” (“experiência”) e “amazing” (“incrível”) aponta para uma dimensão emocional intensa vinculada à visita, sugerindo que o engajamento não é apenas cognitivo, mas profundamente afetivo. Palavras como “wife” (“esposa”), “daughter” (“filha”), “years” (“anos”) e “always” (“sempre”) reforçam a dimensão relacional e temporal da experiência, indicando visitas motivadas por vínculos familiares, memórias de longa duração e projetos de vida, o que dialoga com os comentários de acompanhantes e não fãs discutidos anteriormente. Outro aspecto relevante é a coexistência, ainda que secundária, de termos ligados ao patrimônio (“history” (“história”), “historical” (“histórico”), “estate” (“propriedade”), “grounds” (“terrenos”), “gardens”(“jardins”)), sugerindo que o valor histórico do local não desaparece, mas é reinterpretado à luz da ficção. Assim, a nuvem de palavras evidencia que Chatsworth House se consolida como um espaço híbrido, no qual cinema, literatura, emoção e patrimônio se entrelaçam na produção de sentidos turísticos.

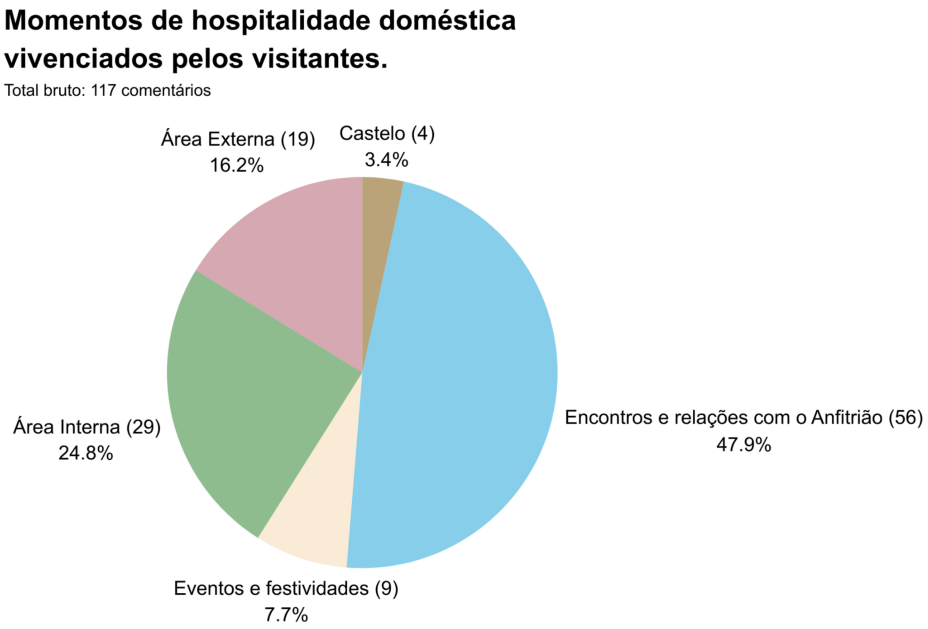
Em suma, os dados indicam que a visita a Chatsworth House é majoritariamente motivada pela mediação cinematográfica, em especial pela adaptação de *Orgulho e Preconceito (2005)*, que estrutura o reconhecimento simbólico do espaço como Pemberley. As referências ao universo diegético aparecem de forma expressiva, enquanto a autora, a leitura literária e os valores patrimoniais atuam de maneira complementar. Assim, a experiência turística é orientada sobretudo por narrativas audiovisuais e afetivas, que antecedem a visita e moldam o olhar do visitante, consolidando Chatsworth House como um espaço híbrido entre patrimônio histórico, ficção cinematográfica e literatura.

4.2. Momentos da Hospitalidade

A categoria “Momentos da hospitalidade doméstica ao longo da visita” foi elaborada com o intuito de identificar e compreender como os visitantes vivenciam a Chatsworth House como uma residência simbolicamente habitada, na qual o percurso deixa de ser meramente

contemplativo para se tornar uma jornada de imersão e acolhida. Partiu-se da expectativa de que as práticas de circulação pelo espaço emulassem a domesticidade, permitindo que a narrativa literária e cinematográfica se sobrepusesse à materialidade do monumento histórico. Nesse sentido, a categoria busca responder à seguinte questão: de que maneira a percepção dos visitantes equilibra a exploração física do patrimônio com a conexão simbólica estabelecida com a figura do proprietário e anfitrião Mr. Darcy e a experiência de acolhimento doméstico?

Gráfico 05: Momentos de hospitalidade doméstica vivenciados pelos visitantes.



Fonte: dados da pesquisa.

Do ponto de vista da distribuição hierárquica, observa-se que a dimensão relacional ocupa posição predominante, com o subcódigo “Encontros e relações com o anfitrião” concentrando 56 ocorrências (47,9%). Em seguida, destacam-se os “Passeios pelos cômodos (áreas internas)”, com 29 ocorrências (24,8%), evidenciando a busca pela intimidade do lar. Na terceira posição aparecem os “Passeios pelos jardins e áreas externas”, com 14 ocorrências (16,2%), seguidos pelo subcódigo “Eventos e festividades”, com 9 ocorrências (7,7%). Por fim, a “Aproximação do castelo” apresenta a menor incidência, com apenas 4 ocorrências (3,4%), sendo a etapa de transição para o ambiente doméstico.

A análise dos dados revela que os “Encontros e relações com o anfitrião (Mr. Darcy)” (47,9%) constituem o ponto alto da visita, onde se observa um fenômeno de hibridização

midiática: os visitantes fundem a estética do filme de 2005 com a iconografia da minissérie de 1995 em um único universo simbólico de "Pemberley". Isso se manifesta quando o busto de Darcy (referência de 2005) e a cena do lago (referência de 1995) coexistem nos relatos. Exemplos como “Finding Mr Darcy’s bust in the shop with a note saying No kissing! Made my day”[27] demonstram a busca por uma tangibilidade do anfitrião. Simultaneamente, a evocação de que “we could all visualise Mr Darcy coming out of the lake”[28] revela uma motivação implícita de erotização do personagem, pautada no desejo de testemunhar a vulnerabilidade e o apelo visual do herói na icônica cena da "camisa molhada", transpondo para o lago de Chatsworth um imaginário originalmente construído em outra locação.

Na sequência, a relevância das “Áreas internas” (24,8%) reforça a domesticidade como chave interpretativa. O visitante busca validar a intimidade ficcional ao percorrer espaços consagrados pela tela, como expresso no relato: “it was incredible to walk in Lizzie's (Keira Knightley's) footsteps in the Painted Hall and the sculpture gallery”.[29] Estar dentro da casa representa "invadir" a privacidade de Darcy, onde a materialidade dos cômodos oferece uma densidade de hospitalidade que o espaço aberto do jardim não alcança. Em contrapartida, os “Passeios pelos jardins e áreas externas” (16,2%) são narrados como o cenário de expectativas narrativas, muitas vezes frustradas pela realidade física, como notado em “no Mr Darcy emerging from the lake!”[30], evidenciando que o jardim é o palco de uma performance imaginada.

Por fim, a etapa de “Aproximação” (3,4%), embora breve, corresponde ao momento em que certos aspectos geográficos do espaço passam a ser apreendidos a partir do imaginário narrativo, sendo a realidade geográfica reinterpretada à luz da geografia literária. Esse campo compreende que a literatura não apenas representa o espaço, mas contribui para sua ressignificação simbólica (WESTPHAL, 2007). Nesse sentido, pode-se também mobilizar o conceito de paisagem literária, entendido como a paisagem física atravessada por valores simbólicos, afetivos e culturais mediados pela narrativa, reforçando a centralidade da percepção e da experiência na construção do lugar (TUAN, 1977; COSGROVE, 1984). O relato “As we drove up the narrow road and out of the woods....there it was. The view

[27] "Encontrar o busto de Mr. Darcy na loja com um bilhete dizendo 'Proibido beijar!' ganhou o meu dia." - tradução própria.
[28] "Todos nós conseguíamos visualizar Mr. Darcy saindo do lago." - tradução própria.
[29] "Foi incrível seguir os passos de Lizzie (Keira Knightley) no Painted Hall e na galeria de esculturas." - tradução própria.
[30] "Nada de Mr. Darcy emergindo do lago!" - tradução própria.

Elizabeth Bennet saw in Pride and Prejudice”[31] ilustra como o impacto visual da chegada é imediatamente codificado pelo olhar da protagonista, sinalizando a entrada definitiva na domesticidade de Pemberley. Tal leitura confirma que os espaços literários funcionam como referências narrativas que orientam a experiência do visitante (MORETTI, 1998). Assim, os dados demonstram que a hospitalidade em Chatsworth configura-se como uma construção híbrida, na qual o visitante atua como convidado mediado por memórias audiovisuais que literarizam a paisagem e ressignificam o espaço físico.

Em conjunto, esses dados reforçam que a Chatsworth House se consolida como um espaço de interação viva, onde a supremacia do fator social-ficcional sobre a arquitetura monumental evidencia uma "literarização" do patrimônio. A centralidade absoluta dos encontros simbólicos e a preferência pelos espaços internos demonstram que o engajamento do público ocorre sobretudo pela capacidade da casa em se transformar em Pemberley. Assim, a hospitalidade doméstica é construída pela conexão emocional com o anfitrião mítico, transformando o valor histórico da edificação em uma experiência de afeto, proximidade e imersão narrativa.

A nuvem de palavras apresentada a seguir atua como um recurso visual analítico que evidencia as principais recorrências lexicais presentes nos relatos dos visitantes, proporcionando uma compreensão imediata das ênfases narrativas dadas durante a experiência. Através da volumetria dos termos, torna-se possível identificar a sobreposição entre o espaço físico da Chatsworth House e o universo ficcional de *Orgulho e Preconceito*, materializando o repertório linguístico que sustenta a percepção de hospitalidade doméstica e a conexão simbólica estabelecida com o anfitrião mítico da propriedade.

[31] "Conforme subíamos pela estrada estreita e saíamos do bosque... lá estava. A vista que Elizabeth Bennet contemplou em Orgulho e Preconceito." - tradução própria.

Gráfico 06: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados à hospitalidade doméstica vivenciada na Chatsworth House.



Fonte: dados da pesquisa.

A análise da nuvem de palavras, quando confrontada com os dados quantitativos, permite uma compreensão mais profunda da experiência do visitante na Chatsworth House, evidenciando como a materialidade do espaço é ressignificada pela narrativa ficcional. A categoria “Momentos da hospitalidade doméstica ao longo da visita”, que compreende a casa como um espaço simbolicamente habitado, encontra na análise lexical uma validação empírica de sua hierarquia. O predomínio do subcódigo “Encontros e relações com o anfitrião” (47,9%) observado no gráfico é materializado na nuvem pela centralidade e volume de termos como “Darcy”, “Pride”, “Prejudice”, “Elizabeth” e “Mr” (“Senhor”)[32]. Tal convergência demonstra que o componente relacional da hospitalidade não se dá com figuras presentes, mas sim através de uma interação simbólica com os personagens de Jane Austen, transformando o "anfitrião" em um elemento central da jornada turística.

A construção de sentido proposta anteriormente, de que o visitante atua como um "convidado simbólico" em busca de uma presença mítica, encontra sua prova definitiva na recorrência do termo “bust” na nuvem de palavras. O busto de Mr. Darcy surge como o objeto de hospitalidade por excelência: ele é o ponto de contato físico que tangibiliza a ficção no mundo real. A proeminência de verbos de ação e busca, tais como “looking” (“procurando”), “find” (“encontrar”) e “see” (“ver”), reforça a ideia de que a visitação é pautada por um roteiro pré-concebido de validação afetiva. O visitante entra nos aposentos internos (categoria

[32]A abreviação “Mr.” funciona como uma referência direta a Mr. Darcy, personagem que é mencionado dessa forma nos comentários analisados e também na obra de Jane Austen.

que detém 24,8% das menções no gráfico) não apenas para apreciar a arquitetura, mas para "encontrar" os vestígios da narrativa, o que é corroborado pelos termos “sculpture” (“escultura”), “gallery” (“galeria”), “room” (“sala”) e “display” (“exibição”) na análise visual.

Ademais, a nuvem de palavras revela camadas interpretativas que transcendem a distribuição quantitativa básica. Um ponto de destaque é a forte ancoragem da experiência na adaptação cinematográfica de “2005”, termo que aparece com destaque ao lado de “film”, “version” e do nome “Matthew” (referindo-se ao ator Matthew Macfadyen). Isso indica que a hospitalidade percebida é mediada por uma estética visual específica, onde o espaço físico de Chatsworth é lido quase exclusivamente sob o filtro da obra cinematográfica. Outro fator relevante é o papel da “shop” (“loja”) e do “gift” (“presente”), que sugerem que o ciclo da hospitalidade doméstica se completa com a aquisição de um objeto, permitindo que o visitante leve consigo uma parcela daquela domesticidade imaginada.

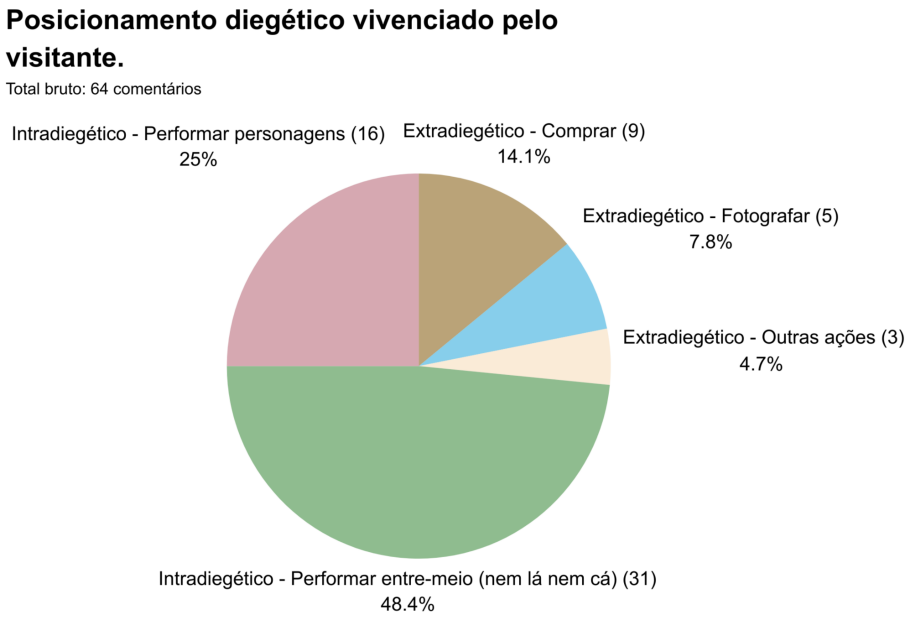
Por fim, observa-se que o deslocamento pelas áreas externas, embora represente 16,2% do interesse no gráfico, é descrito por léxicos como “walking” (“caminhada”), “grounds”, “lake” (“lago”), confirmando que o exterior funciona como um prelúdio ou cenário complementar ao clímax da visita, que ocorre no interior da residência. A baixa expressividade da etapa de “Aproximação” (3,4%) no gráfico sugere que o impacto visual da chegada é rapidamente substituído pela urgência da imersão emocional. Assim, a análise conjunta dos dados aponta para uma "literarização" do patrimônio, onde a hospitalidade é sentida na medida em que o espaço físico é capaz de mimetizar a experiência de acolhimento descrita na literatura e no cinema.

Em síntese, os dados demonstram que a hospitalidade em Chatsworth House é pautada menos pela contemplação monumental e mais pela imersão em uma performatividade da domesticidade ficcional, na qual a figura de Mr. Darcy atua como o anfitrião central que legitima e guia a experiência. A hegemonia estatística das menções aos encontros simbólicos (47,9%), corroborada pela centralidade de objetos como o "busto" e a ancoragem estética na versão cinematográfica de 2005, confirma que o público ressignifica o patrimônio histórico como um cenário vivo de interação afetiva. Assim, a transição do visitante pelas dependências da casa não representa apenas um percurso turístico, mas um rito de acolhida onde a materialidade do castelo é subordinada à narrativa, culminando em uma "literarização" do espaço que transforma o espectador em um convidado íntimo do universo de Jane Austen.

4.3. Posicionamento diegético do visitante (comportamento)

A categoria Posicionamento diegético do visitante (comportamento) foi definida com o objetivo de compreender como os sujeitos se situam em relação ao universo ficcional durante a visita a Chatsworth House, distinguindo práticas associadas a um turismo convencional daquelas orientadas pela imersão narrativa. Partiu-se da expectativa de que a separação entre posicionamentos extradiegéticos e intradiegéticos permitiria mapear diferentes níveis de engajamento, desde a observação externa do patrimônio até a atuação simbólica no interior do universo de *Orgulho e Preconceito*. Os resultados evidenciam que, para uma parcela significativa do público, a experiência não se limita ao reconhecimento de referências ficcionais, mas envolve a construção imaginária de si como Elizabeth Bennet, condição que possibilita vivenciar plenamente a presença de Mr. Darcy no espaço. Nesse sentido, a categoria responde à seguinte questão: de que maneira o espaço físico de Chatsworth House atua como um catalisador para que o visitante abandone sua condição de observador externo e passe a performar papéis de visitantes/hóspedes dentro do universo de *Orgulho e Preconceito*?

Gráfico 07: Posicionamento diegético do visitante.



Fonte: dados da pesquisa.

Essa dinâmica explica a predominância do posicionamento intradiegético, sobretudo do subcódigo performar entre-meio (nem lá nem cá), com 31 ocorrências, seguido por

performar personagens, com 16 registros. Em comparação, os comportamentos extradiegéticos aparecem em segundo plano, com comprar (9 ocorrências), fotografar (5) e outras ações (3), enquanto a projeção inspiracional na autoria surge de forma residual (3). A hierarquia sugere que a experiência só se completa quando o visitante se desloca simbolicamente para dentro da narrativa, assumindo o ponto de vista de Elizabeth como mediadora do encontro com Darcy.

No plano extradiegético, Chatsworth House ainda é vivenciada como atração patrimonial, por meio de práticas convencionais como compras e registros fotográficos. Comentários como "The gift shop is quite large and has an immense array of quality items we saw nowhere else in England"[33] ou "Mr. Darcy's bust that was used in the film is in the orangery for a cheeky photo opportunity"[34] demonstram uma relação externa com o universo ficcional, na qual Darcy aparece como objeto de consumo visual ou material. Mesmo as outras ações, como a observação de exposições sobre o filme como dito em um dos comentários "there are a number of displays which talk about the filming of the 2005 film (starring Keira Knightly)"[35], mantêm o visitante fora da diegese, como espectador informado.

É no posicionamento intradiegético que a lógica narrativa se intensifica. No subcódigo performar entre-meio foi criado especificamente para esta pesquisa a partir da leitura e interpretação dos comentários analisados. Ele designa um estado de liminaridade no qual o visitante não se assume plenamente como personagem da narrativa, mas também não permanece apenas como observador externo. Nesse posicionamento, o sujeito reconhece o espaço como real, mas permite-se sentir, imaginar e vivenciar a experiência como se estivesse parcialmente inserido no universo ficcional, sustentando conscientemente a suspensão da descrença. Sendo assim, o visitante descreve a experiência a partir de cenas icônicas do filme, frequentemente assumindo implicitamente o lugar de Elizabeth. Ao narrar "I find myself walking across the black and white marbled floor (…) as Elizabeth begins her indoor tour of Pemberley"[36] ou afirmar que "The house is incredible, it makes you feel like you're the set of Pride and Prejudice!"[37], o sujeito não apenas reconhece a cena, mas a revive a partir do olhar

[33] "A loja de presentes é bastante grande e tem uma imensa variedade de itens de qualidade que não vimos em nenhum outro lugar na Inglaterra" - tradução própria.
[34] "O busto do Sr. Darcy que foi usado no filme está no Orangery para uma oportunidade de tirar uma foto divertida" - tradução própria.
[35] "há várias exposições que falam sobre as filmagens do filme de 2005 (estrelado por Keira Knightley)" - tradução própria.
[36] "Eu me vejo caminhando pelo piso de mármore preto e branco (...) enquanto Elizabeth começa sua visita interna a Pemberley" - tradução própria.
[37] "A casa é incrível, faz você se sentir como se estivesse no set de Orgulho e Preconceito!" - tradução própria.

da protagonista. Nesse estado liminar, ser Elizabeth, ainda que momentaneamente, é o que permite "entrar" em Pemberley e, consequentemente, acessar Darcy como presença simbólica.

Essa identificação torna-se ainda mais explícita no subcódigo performar personagens, no qual o visitante assume ativamente o papel ficcional. Comentários como "imagine yourself in Jane Austen's Pride & Prejudice"[38] ou "You feel like you're walking into a Jane Austen novel"[39] indicam que a experiência desejada não é observar Darcy à distância, mas experimentar o espaço como Elizabeth, circulando pelos ambientes que, na narrativa, estruturam a relação entre os personagens. Essa lógica aparece de forma ainda mais direta em relatos como "There is something magical about this place! I will get married here one day, just got to find the Mr Darcy"[40], no qual o visitante projeta sua própria trajetória afetiva a partir da lógica narrativa do romance, evidenciando o desejo de atualizar a ficção no plano da vida pessoal. A observação de visitantes vestidos à época como visto em alguns comentários ("how many people had come dressed up"[41]) reforça que essa performance pode envolver também o corpo, a aparência e a postura, aprofundando a identificação com a heroína.

Mesmo a projeção inspiracional na autoria dialoga com essa lógica, ao aproximar o visitante do gesto criativo que deu origem a Elizabeth e Darcy, como em "I can see what Jane Austen was thinking when she was writing about Pemberley"[42]. Nesse caso, o visitante não se coloca como personagem, mas tenta compreender o mundo a partir do olhar que o concebeu.

O aspecto mais relevante da análise reside, portanto, na constatação de que a experiência turística em Chatsworth House se estrutura narrativamente a partir de um deslocamento identitário: para "encontrar" Darcy, o visitante precisa primeiro "ser" Elizabeth. Os comportamentos extradiegéticos permanecem presentes, mas funcionam como camadas periféricas de uma vivência cujo núcleo está na incorporação do ponto de vista feminino da narrativa. Assim, Chatsworth House consolida-se como um espaço onde o patrimônio histórico é reconfigurado como palco de uma experiência relacional, na qual o visitante não apenas visita um cenário, mas assume um papel essencial para que a ficção se torne, ainda que provisoriamente, vivida.

Em continuidade à análise do posicionamento diegético do visitante, a nuvem de palavras funciona como uma síntese visual e discursiva dos modos pelos quais os visitantes

[38] "imagine-se no Orgulho e Preconceito, de Jane Austen" - tradução própria.
[39] "Você se sente como se estivesse entrando em um romance de Jane Austen" - tradução própria.
[40] "Há algo de mágico neste lugar! Um dia vou casar-me aqui, só tenho de encontrar o meu Sr. Darcy." - tradução própria.
[41] "quantas pessoas tinham vindo fantasiadas" - tradução própria
[42] "Posso ver o que Jane Austen estava pensando quando escreveu sobre Pemberley" - tradução própria.

constroem sentido durante a experiência em Chatsworth House. Aquilo que havia sido identificado quantitativamente no gráfico como a predominância do posicionamento intradiegético, sobretudo nas categorias de performar entre-meio e performar personagens reaparece de forma consistente no vocabulário mobilizado nos comentários.

Gráfico 08: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados ao posicionamento diegético do visitante.



Fonte: dados da pesquisa.

A centralidade de termos como “movie”, “film”, “pride”, “prejudice” e “darcy” confirma que o universo de *Orgulho e Preconceito*, especialmente em sua mediação cinematográfica, estrutura a narrativa da visita, deslocando o atrativo do campo do turismo patrimonial convencional para o de um espaço narrativo vivido. A recorrência de nomes próprios como “Elizabeth”, “Jane” e “Austen” evidencia que o visitante não apenas reconhece referências literárias e fílmicas, mas se ancora nelas para experienciar o espaço, reforçando a leitura de Chatsworth House como Pemberley. Esse dado confirma a construção de sentido já discutida: o visitante tende a abandonar a posição de observador externo para se inserir simbolicamente na diegese, frequentemente assumindo o lugar de Elizabeth Bennet como condição para acessar a experiência plena do encontro com Mr. Darcy. Verbos como “feel” (“sentir”), “imagine” (“imaginar”), “find” e “looking” reforçam essa postura ativa e investigativa, indicando que a visita é orientada por uma busca sensível pelo invisível isto é, pelos vestígios da ficção projetados sobre o espaço material.

Gráfico 09: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados ao posicionamento intradiegético do visitante.



Fonte: dados da pesquisa.

A nuvem de palavras referente especificamente ao posicionamento intradiegético aprofunda essa leitura ao evidenciar que a experiência é construída como uma imersão ativa no universo ficcional, na qual o visitante se desloca simbolicamente para dentro da narrativa. A proeminência de termos como “Elizabeth”, “Darcy”, “Pride”, “Prejudice” e “Pemberley” reforça que a referência central não é o patrimônio em si, mas o mundo narrativo que o atravessa, sendo a visita frequentemente organizada a partir da perspectiva da protagonista feminina. Verbos como “feel”, “imagine”, “walking”, “looking” e “find” indicam que o posicionamento intradiegético se estrutura como uma experiência sensorial, investigativa e performativa, na qual o visitante busca “ser Elizabeth” para viver, ainda que simbolicamente, a presença de Mr. Darcy. A presença recorrente de termos como “bust” (“busto”), “scene” (“cena”), “movie” e “dressed” (“vestido”) sugere que objetos, cenas icônicas e o próprio corpo do visitante funcionam como dispositivos de transição para o estado intradiegético, permitindo a suspensão da condição turística convencional e a incorporação da ficção ao percurso espacial.

Ao mesmo tempo, a presença de termos como “picture” (“imagem”), “shop” e “gift”, embora visível, aparece de forma periférica na nuvem, corroborando os dados do gráfico que apontam menor incidência das práticas extradiegéticas. Fotografar e comprar são ações presentes, mas não estruturantes da experiência; elas orbitam o núcleo simbólico da visita, que permanece centrado na imersão narrativa. A palavra “bust”, por sua vez, ocupa uma posição

liminar ao funcionar como elo entre o plano material e o ficcional, indicando que certos objetos atuam como âncoras concretas para a transição ao estado intradiegético e para a suspensão da descrença.

Outro aspecto relevante é a forte carga emocional expressa por adjetivos como “magnificent” (“magnífico”), “lovely” (“adorável”), “amazing” (“fantástico”) e “incredible” (“incrível”), que sinalizam que o posicionamento diegético é vivido de forma intensamente afetiva. O visitante não deseja apenas ver Chatsworth House, mas sentir-se dentro de Pemberley. Além disso, a coexistência de referências ao livro, ao filme de 2005 e à série televisiva sugere a operação de uma diegese expandida, na qual diferentes camadas midiáticas se sobrepõem e alimentam a performance do visitante. Assim, a nuvem de palavras não apenas confirma os dados quantitativos, mas aprofunda a compreensão de Chatsworth House como um espaço híbrido, no qual patrimônio, emoção e ficção se articulam para sustentar uma experiência turística marcada pela imaginação, pela performance e pelo desejo de habitar, ainda que simbolicamente, o universo de *Orgulho e Preconceito*.

Em síntese, a categoria Posicionamento diegético do visitante (comportamento) evidencia que a experiência em Chatsworth House é estruturada menos por práticas turísticas convencionais e mais por distintos níveis de imersão no universo ficcional de *Orgulho e Preconceito*. Embora ações extradiegéticas, como fotografar, comprar ou observar exposições, estejam presentes, elas ocupam um papel periférico frente à predominância dos posicionamentos intradiegéticos, nos quais o visitante se insere simbolicamente na narrativa. Os dados demonstram que a construção de sentido da visita ocorre sobretudo quando o sujeito abandona a condição de observador externo e passa a performar o espaço como Pemberley, frequentemente assumindo, ainda que de forma imaginativa, o lugar de Elizabeth Bennet para vivenciar a presença de Mr. Darcy. Dessa forma, Chatsworth House se consolida como um dispositivo narrativo que catalisa performances afetivas, imaginativas e identitárias, confirmando seu papel como um espaço híbrido onde patrimônio, cinema e literatura se articulam para sustentar uma experiência turística profundamente marcada pela imersão diegética.

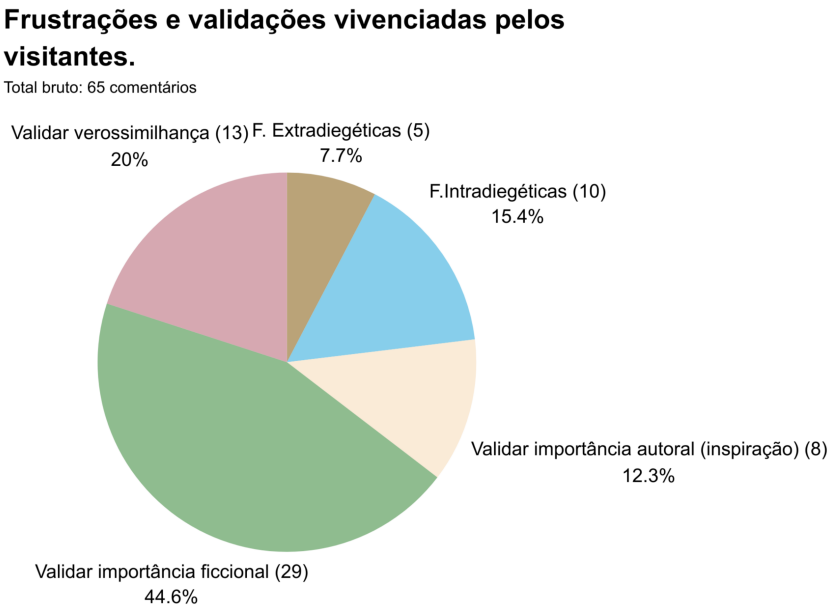
4.4. Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico

A categoria Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico permite compreender como os visitantes avaliam sua experiência em Chatsworth House a partir do confronto constante entre o imaginário construído pelo cinema e pela literatura sobretudo pela

adaptação cinematográfica de *Orgulho e Preconceito* e a vivência concreta no espaço patrimonial. Partiu-se da expectativa de identificar se a satisfação do público estaria mais associada à integridade histórica do local ou à preservação da atmosfera lúdica e narrativa de Pemberley, mapeando tanto os pontos de convergência quanto as rupturas que emergem ao longo do percurso da visita.

A hierarquia dos subcódigos evidencia a predominância das avaliações positivas, especialmente aquelas voltadas à validação da importância ficcional (44,6%), seguidas pela verossimilhança da experiência vivida (20%) e pela validação da importância autoral (12,3%), enquanto as frustrações aparecem de forma minoritária, embora conceitualmente reveladoras. Esse movimento confirma que o visitante chega ao atrativo munido de expectativas narrativas e utiliza a comparação como um mecanismo central para arbitrar o conflito entre a materialidade patrimonial do monumento e a coerência do imaginário ficcional, julgando a experiência a partir de sua capacidade de confirmar ou romper a "verdade" do universo cinematográfico e, assim, revelar o desejo de tangibilizar a ficção?

Gráfico 10: Frustrações e validações vivenciadas pelos visitantes.



Fonte: dados da pesquisa.

As validações ficcionais, que concentram o maior número de ocorrências, aparecem em comentários que operam como recomendações enfáticas, reforçando Chatsworth House como um espaço obrigatório para fãs do filme, como em "If you're any sort of fan of the Pride

and Prejudice movies, then you must fit in a visit here!"[43]. Já a verossimilhança da experiência vivida é acionada quando o visitante reconhece, no espaço material, correspondências diretas com o filme, ainda que parciais, como em "Some pieces and a room or two might look familiar to those who have seen the 2005 theatrical version of 'Pride and Prejudice'"[44] ou de forma ainda mais assertiva em "is exactly like in the movie"[45]. Esses relatos indicam que a satisfação emerge quando o espaço confirma visual e sensorialmente aquilo que o visitante já conhece pela mediação audiovisual, mesmo que essa confirmação não seja total ou historicamente precisa.

A validação da importância autoral, embora menos frequente, reforça o reconhecimento simbólico de Chatsworth House como espaço legitimado pela figura de Jane Austen, como evidenciado em comentários como "Perfect for the Jane Austen Lovers"[46] e "And huge bonus: it's one of the most spectacular houses in England. Even Jane Austen thought so"[47]. Nesses casos, a autora funciona como selo de legitimidade cultural, articulando o valor patrimonial do local a um reconhecimento literário mais amplo, ainda que o foco da experiência continue sendo majoritariamente ficcional.

Em consonância com essa validação simbólica, a avaliação geral de Chatsworth House no TripAdvisor reforça, em escala quantitativa, a legitimidade do atrativo já observada na análise qualitativa. Conforme verificação realizada em 19 de dezembro de 2025, o local apresenta nota média de 4,2, baseada em 9.992 avaliações, posicionando-se como a 8ª principal atração entre 28 atividades em Bakewell. O sistema de avaliação do TripAdvisor, estruturado em uma escala de 1 a 5 estrelas, sintetiza a satisfação global dos visitantes a partir de múltiplos critérios, como qualidade da experiência, atratividade do espaço, impacto emocional, organização da visita e relação custo-benefício, que, no caso de atrativos patrimoniais, tendem a aparecer de forma integrada nos relatos.

[43] "Se você é fã dos filmes Orgulho e Preconceito, então não pode deixar de visitar este lugar!" - tradução própria.
[44] "Algumas peças e um ou dois cômodos podem parecer familiares para aqueles que assistiram à versão teatral de 2005 de 'Orgulho e Preconceito'" tradução própria.
[45] "é exatamente como no filme" - tradução própria.
[46] "Perfeito para os amantes de Jane Austen" - tradução própria.
[47] "E um grande bônus: é uma das casas mais espetaculares da Inglaterra. Até Jane Austen achava isso" - tradução própria.

Imagem 02: Avaliação geral na plataforma TripAdvisor do atrativo Chatsworth House, em Bakewell, Inglaterra.



Fonte: TripAdvisor

No recorte específico desta pesquisa, a análise de 242 comentários evidencia uma clara concentração de avaliações positivas, com predominância expressiva de notas 5★, seguidas por 4★, enquanto as avaliações 3★ aparecem de forma pontual e as 2★ de modo residual. Esse padrão indica que, mesmo quando surgem críticas ou frustrações, a percepção global da experiência permanece amplamente favorável. Em diversos relatos, observa-se que o visitante explicita algum desapontamento pontual, mas ainda assim atribui nota máxima ao atrativo, sinalizando que tais tensões não comprometem a avaliação geral.

Essa distribuição das notas confirma que a satisfação do público está menos vinculada à precisão histórica ou à ausência total de falhas logísticas e mais relacionada à capacidade de Chatsworth House em sustentar e validar o imaginário ficcional associado a *Orgulho e Preconceito*. Assim, a alta pontuação registrada no TripAdvisor atua como um indicador de legitimação social do atrativo, corroborando a ideia de que Chatsworth House é amplamente reconhecida pelos visitantes como um espaço híbrido bem-sucedido, no qual patrimônio, autoria literária e ficção cinematográfica se articulam de forma consistente na experiência turística.

No campo das avaliações negativas, as frustrações extradiegéticas aparecem de forma pontual e associadas a excessos de mercantilização, como no comentário "My only criticism… while I enjoy the association of Chatsworth with the 2005 film 'Pride and Prejudice' (and it certainly helps draw in customers), selling knock-off busts of this film's Mr. Darcy is over the top cheesy for such a palatial home. Still worth an excellent rating"[48]. Esse tipo de crítica não invalida a experiência como um todo, mas aponta tensões entre a

[48] "Minha única crítica... embora eu goste da associação de Chatsworth com o filme de 2005 'Orgulho e Preconceito' (e isso certamente ajuda a atrair clientes), vender bustos falsificados do Sr. Darcy desse filme é exageradamente cafona para uma casa tão palaciana. Ainda assim, merece uma excelente avaliação". - tradução própria.

monumentalidade do patrimônio e estratégias comerciais percebidas como destoantes do tom esperado.

Já as frustrações intradiegéticas, mais numerosas, são particularmente reveladoras porque operam no plano da ficção. Comentários como “unfortunately Mr Darcy did not pop out of the lake on this occasion”[49] ou “Didn't find Mr Darcy, he must have been away on business”[50] evidenciam um tipo de frustração conscientemente ficcional: o visitante sabe, racionalmente, que Mr. Darcy não aparecerá, mas ainda assim expressa desapontamento pela não materialização plena da narrativa. Trata-se, portanto, de uma frustração performática, que não decorre de uma falha objetiva do atrativo, mas da impossibilidade de tornar real aquilo que pertence ao domínio da ficção, ou seja, podendo também não ser, necessariamente, considerada uma frustração em si mas sim um envolvimento diegético. Esse dado é central, pois demonstra que a experiência é vivida como uma peregrinação ficcional, na qual o desejo não é acessar a verdade histórica, mas vivenciar, ainda que simbolicamente, a verdade do filme.

Sendo assim, os comentários reforçam que a comparação entre o mundo real e o mundo ficcional é o principal operador de sentido dessa categoria. A satisfação do visitante depende menos de critérios tradicionais de qualidade turística e mais da capacidade de Chatsworth House em sustentar a ilusão narrativa sem rupturas significativas. Quando o espaço valida a importância ficcional e se mostra “como no filme”, a experiência é plenamente confirmada; quando a ficção não se concretiza, emerge uma frustração que, paradoxalmente, revela a força do imaginário cinematográfico. Assim, a categoria Comparações evidencia que, para esse público, o sucesso da visita está ancorado não na fidelidade histórica, mas na coerência com a fantasia que motivou o deslocamento até o atrativo.

Em continuidade à análise da categoria Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico, a nuvem de palavras associada às frustrações atua como uma síntese visual dos pontos de tensão já identificados nos dados quantitativos. Se o gráfico havia demonstrado que as frustrações intradiegéticas superam as extradiegéticas, a nuvem explicita com clareza quais elementos são responsáveis por essa ruptura da experiência. Termos como “disappointed” (“desapontado”), “alas” (“infelizmente”) e “criticism” (“crítica”) ocupam posição central, articulados diretamente a palavras-chave do universo ficcional “Darcy”, “film”, “pride” e

[49] “infelizmente, o Sr. Darcy não apareceu do lago nesta ocasião” - tradução própria.
[50] “Não encontrei o Sr. Darcy, ele deve ter saído a negócios” - tradução própria.

"prejudice", indicando que a insatisfação do visitante emerge, sobretudo, quando a promessa narrativa associada ao filme não se concretiza plenamente no espaço visitado.

Gráfico 11: Nuvem de palavras a partir dos trechos relacionados às frustrações e validações do visitante.



Fonte: dados da pesquisa.

A recorrência de expressões como "find", "lake" e "Darcy" funciona como prova empírica da construção de sentido discutida anteriormente: o visitante não compara Chatsworth House a partir de critérios históricos ou museológicos, mas a partir da expectativa de reencontrar cenas, personagens e situações do imaginário cinematográfico. A frustração, nesse caso, é assumidamente ficcional onde o visitante sabe que Mr. Darcy não surgirá do lago, mas ainda assim verbaliza o desapontamento quando essa fantasia não pode ser simbolicamente sustentada. Essa dinâmica confirma que o julgamento da experiência é pautado pela validação da "verdade do filme", e não pela veracidade histórica do patrimônio, reforçando a ideia da visita como uma peregrinação narrativa.

Outro aspecto relevante é a presença de termos como "cheesy" ("brega"), "selling" ("comercial") e "business" ("negócio"), que apontam para frustrações extradiegéticas associadas à mercantilização excessiva do imaginário fílmico. No entanto, esses elementos aparecem de forma periférica na nuvem, corroborando os dados do gráfico que indicam menor peso das frustrações logísticas ou comerciais quando comparadas às rupturas intradiegéticas. Mesmo críticas mais duras são frequentemente acompanhadas de palavras como "excellent" ("excelente"), "worth" ("vale a pena") e "still" ("ainda"), sugerindo que,

embora a magia possa ser momentaneamente quebrada, o valor simbólico do lugar não é completamente invalidado.

Por fim, a coexistência de termos negativos e positivos na mesma nuvem revela um dado interessante: a frustração não anula a experiência, mas faz parte dela como um mecanismo de comparação contínua entre o mundo real e o mundo ficcional. O visitante critica porque se importa, frustra-se porque acredita na narrativa e se decepciona justamente quando o espaço falha em sustentar a ilusão que motivou sua presença. Assim, a nuvem de palavras das frustrações não apenas confirma os achados anteriores, como evidencia que o maior risco para Chatsworth House não está em falhas operacionais, mas na incapacidade momentânea de sustentar, sem fissuras, a fantasia cinematográfica que ancora o sentido da visita.

Em síntese, a categoria Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico evidencia que a experiência em Chatsworth House é avaliada prioritariamente a partir da capacidade do espaço em confirmar ou frustrar o imaginário cinematográfico de *Orgulho e Preconceito*, e não pela sua fidelidade histórica. As porcentagens demonstram com clareza essa lógica: a validação da importância ficcional concentra quase metade das referências (44,6%), seguida pela verossimilhança da experiência vivida (20%) e pela importância autoral (12,3%), enquanto as frustrações aparecem de forma minoritária, mas reveladora, com maior incidência no plano intradiegético (15,4%) do que no extradiegético (7,7%). A nuvem de palavras aprofunda essa leitura ao mostrar que termos como “Darcy”, “film”, “pride”, “prejudice” e “disappointed” (“desapontado”) coexistem no núcleo discursivo, indicando que tanto a satisfação quanto a frustração estão ancoradas no mesmo desejo: ver a ficção materializada. Mesmo quando o visitante se declara frustrado, trata-se de uma frustração assumidamente ficcional, o desapontamento por não “encontrar” Mr. Darcy ou por não reconhecer uma cena do filme, o que confirma que a comparação opera como um mecanismo central de construção de sentido. Dessa forma, a categoria revela que Chatsworth House é vivenciada menos como um monumento histórico e mais como um espaço de validação simbólica, no qual o sucesso da experiência depende da capacidade do atrativo em sustentar, sem rupturas significativas, a “verdade” emocional e narrativa do universo cinematográfico que motiva a visita.

5. ANÁLISE TRANSVERSAL E SÍNTESE DOS DADOS

A partir dessa compreensão, o cruzamento das categorias analíticas permite avançar na leitura do fenômeno ao demonstrar que essa lógica comparativa não atua de forma isolada, mas estrutura transversalmente toda a experiência turística em Chatsworth House. As motivações fílmicas identificadas anteriormente, o posicionamento intradiegético do visitante, os modos de vivenciar a hospitalidade doméstica e os critérios de avaliação expressos nas notas e comentários se articulam em um mesmo sistema de sentido, no qual a validação do imaginário cinematográfico orienta expectativas, comportamentos e julgamentos. Assim, a comparação entre o mundo real e o ficcional deixa de ser apenas um momento avaliativo posterior à visita e passa a funcionar como eixo organizador da experiência desde o planejamento até a rememoração, conferindo coerência ao conjunto dos dados e permitindo compreender como diferentes dimensões do atrativo se reforçam mutuamente na construção de uma vivência essencialmente narrativa.

Do ponto de vista da complementaridade, observa-se que as motivações fílmicas e diegéticas, predominantes na escolha do destino, encontram continuidade direta no posicionamento intradiegético do visitante. O fato de a maioria dos visitantes chegar a Chatsworth House mobilizada pela adaptação cinematográfica de 2005 explica a predominância de comportamentos performativos, nos quais o sujeito abandona a postura de observador patrimonial e passa a atuar simbolicamente como parte da narrativa. Assim, motivação e comportamento se alinham: quem chega buscando Pemberley tende a caminhar, olhar, sentir e narrar a experiência a partir do ponto de vista de Elizabeth Bennet, condição necessária para a emergência simbólica de Mr. Darcy como anfitrião.

Essa lógica se aprofunda na categoria Momentos da hospitalidade doméstica, que funciona como elo entre motivação e performance. A casa deixa de ser apenas um monumento histórico e passa a ser percebida como uma residência habitada, onde a hospitalidade não é mediada por guias ou serviços, mas por personagens ficcionais. A centralidade dos “encontros com o anfitrião” e a valorização dos espaços internos complementam o posicionamento intradiegético ao oferecerem densidade emocional à experiência, reforçando a sensação de intimidade e acolhimento narrativo. O visitante não apenas vê Pemberley, mas sente-se recebido por ela.

A categoria Comparações entre os mundos real e ficcional fílmico atua como mecanismo de validação transversal a todas as demais. As comparações não surgem como exercício crítico distanciado, mas como ferramenta avaliativa fundamental para julgar o

sucesso da experiência. A predominância da validação da importância ficcional (44,6%) e da verossimilhança (20%) confirma que o visitante avalia Chatsworth House menos por critérios históricos ou museológicos e mais por sua capacidade de sustentar a "verdade do filme". Nesse sentido, as comparações complementam o posicionamento intradiegético: quanto maior a imersão narrativa, maior a exigência de coerência com o imaginário cinematográfico.

As frustrações, por sua vez, não operam como contradições estruturais do modelo, mas como reveladores de sua lógica interna. A maior incidência de frustrações intradiegéticas demonstra que o desapontamento não decorre, majoritariamente, de falhas operacionais, mas da impossibilidade de materializar integralmente a ficção. Paradoxalmente, essas frustrações reforçam o vínculo com o atrativo, pois evidenciam o grau de investimento afetivo do visitante. O fato de críticas aparecerem frequentemente acompanhadas de notas máximas no TripAdvisor confirma que a satisfação global é preservada mesmo diante de rupturas pontuais da ilusão narrativa.

A avaliação quantitativa do TripAdvisor, nesse contexto, funciona como instância de legitimação social do conjunto da experiência. A nota média de 4,2, baseada em 9.992 avaliações (verificação em 19 de dezembro de 2025), aliada à predominância esmagadora de notas 5★ e 4★ no recorte dos 242 comentários analisados, confirma empiricamente aquilo que as análises qualitativas já indicavam: Chatsworth House é amplamente reconhecida como um atrativo bem-sucedido justamente por conseguir equilibrar patrimônio, ficção e emoção. Mesmo quando surgem críticas, elas não desestabilizam a avaliação geral, pois o critério central de julgamento permanece sendo a validação do imaginário ficcional.

No que diz respeito às tensões e aparentes contradições, destaca-se o fato de que o valor histórico do patrimônio, embora presente, ocupa posição secundária frente à ficção. Essa hierarquia não gera conflito explícito nos discursos, mas aponta para uma ressignificação do patrimônio: ele não é negado, mas reinterpretado como suporte da narrativa. A monumentalidade histórica só adquire pleno sentido quando subordinada à lógica de Pemberley, o que explica por que práticas extradiegéticas aparecem como periféricas, enquanto performances imaginativas estruturam o núcleo da experiência.

A partir desse cruzamento analítico, torna-se possível delinear uma persona interpretativa do visitante de Chatsworth House, construída especificamente com base nos 378 comentários analisados, que correspondem a aproximadamente 3,82% do total de 9.896 avaliações disponíveis na plataforma, não pretendendo, portanto, representar a totalidade dos visitantes, mas sim os padrões discursivos, motivacionais e experienciais emergentes desse

recorte empírico. Trata-se majoritariamente de um sujeito fortemente engajado afetiva e narrativamente, com familiaridade prévia com *Orgulho e Preconceito*, especialmente em sua versão cinematográfica de 2005. Essa persona valoriza menos a precisão histórica e mais a coerência emocional da experiência, aceita conscientemente a suspensão da descrença e está disposta a performar papéis ficcionais para intensificar a vivência. Frequentemente vinculada a relações familiares, memórias de longa duração e projetos afetivos, essa visitante, em grande parte feminina, busca não apenas conhecer um lugar, mas habitar simbolicamente um universo narrativo que já fazia parte de sua trajetória imaginativa. Mais do que conhecer o local, essa persona busca vivenciar um deslocamento simbólico, no qual a ideia de "ser" Elizabeth Bennet funciona como chave narrativa para acessar a experiência do encontro com Mr. Darcy no espaço turístico.

Em síntese, o cruzamento dos dados revela que Chatsworth House opera como um dispositivo narrativo integrado, no qual motivação, comportamento, hospitalidade, comparação e avaliação se retroalimentam. Longe de apresentar contradições estruturais, as categorias analisadas constroem um sistema coeso, no qual o sucesso do atrativo depende fundamentalmente de sua capacidade de sustentar a ficção como experiência vivida. A persona que emerge desse processo não é a do turista patrimonial clássico, mas a do visitante-performer, que transforma o deslocamento turístico em uma experiência de imersão afetiva, identitária e narrativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como as motivações de turistas se transformaram em experiências de frustração ou prazer no contexto do turismo pop-ficcional, a partir da análise de comentários publicados em sites de avaliação turística sobre atrativos ingleses relacionados à biografia, às obras literárias e às adaptações audiovisuais da escritora Jane Austen (1775–1817). Para o alcance desse objetivo, foram examinados comentários disponíveis na plataforma TripAdvisor referentes ao atrativo Chatsworth House, buscando-se identificar de que maneira o imaginário construído pela literatura e pelo cinema influenciou a percepção, a avaliação e a vivência dos visitantes diante do espaço real.

Ao longo do trabalho, as discussões teóricas permitiram compreender o turismo pop-ficcional como uma prática essencialmente simbólica e experiencial, atravessada por conceitos como mundos possíveis ficcionais, mimese, metalepse narrativa, dissonância cognitiva, prazer estético e frustração simbólica. A revisão de literatura evidenciou que o deslocamento turístico, nesse contexto, não se orienta prioritariamente pela materialidade do espaço, mas pela expectativa de confirmação sensível de narrativas previamente internalizadas por meio da literatura e do audiovisual. Assim, o turista não se move apenas no território geográfico, mas entre camadas de sentido, memória afetiva e pertencimento simbólico.

A análise empírica dos dados confirmou essa perspectiva ao demonstrar que a experiência em Chatsworth House foi majoritariamente avaliada a partir de sua capacidade de validar o imaginário ficcional associado a *Orgulho e Preconceito*, especialmente às adaptações cinematográficas. Os resultados indicaram que as categorias relacionadas à importância ficcional e à verossimilhança da experiência concentraram a maior parte das referências, enquanto as frustrações, embora menos frequentes, revelaram-se significativas por estarem diretamente vinculadas à quebra de expectativas narrativas. Mesmo quando os visitantes expressaram desapontamento, esse sentimento esteve ancorado em uma lógica ficcional, como não reconhecer cenas do filme ou não “sentir” a presença de personagens, o que evidenciou que o parâmetro de avaliação da experiência permaneceu essencialmente simbólico. Neste âmbito poderíamos dizer que a frustração é uma performance que valida o prazer da experiência metaléptica, ou seja, a ausência do anfitrião durante a visita é uma parte esperada deste pacto ficcional que resgata o enredo de *Orgulho e Preconceito*.

Dessa forma, os dados responderam ao objetivo da pesquisa ao demonstrar que o prazer turístico emergiu quando o espaço conseguiu sustentar, ainda que parcialmente, a

“verdade emocional” do mundo ficcional esperado, permitindo ao visitante sentir-se coautor simbólico da narrativa. Por outro lado, a frustração manifestou-se quando ocorreu uma dissonância entre o imaginário construído pela recepção audiovisual e a materialidade do espaço visitado, reforçando a hipótese de que a metalepse narrativa, ao ser transposta para o turismo, intensifica tanto o encantamento quanto a decepção. A experiência turística, portanto, configurou-se como um campo de tensão entre o idealizado e o vivido, no qual prazer e frustração não se opõem, mas coexistem como respostas possíveis ao mesmo desejo de pertencimento ficcional.

No entanto, algumas limitações estiveram presentes ao longo da pesquisa. Não foi possível afirmar, com base apenas nos comentários analisados, aspectos relacionados ao perfil sociodemográfico detalhado dos visitantes, tampouco identificar com precisão o peso individual da literatura ou do cinema na construção das expectativas, uma vez que muitos relatos mesclaram referências às duas mídias. Além disso, a análise concentrou-se em um único atrativo, o que restringiu a generalização dos resultados para outros contextos do turismo literário ou pop-ficcional. Ainda assim, essas limitações não comprometeram os objetivos do estudo, pois a proposta não foi de universalização, mas de aprofundamento interpretativo de um caso exemplar.

Entre as principais qualidades do trabalho, destaca-se seu caráter inovador ao articular conceitos da narratologia, da filosofia e dos estudos da recepção com o campo do turismo, propondo a metalepse narrativa como chave interpretativa para compreender experiências turísticas contemporâneas. A pesquisa contribuiu ao evidenciar que o turismo pop-ficcional não pode ser analisado apenas sob a lógica do consumo ou da infraestrutura, mas como uma prática comunicacional e simbólica, na qual o visitante negocia sentidos, afetos e expectativas. Nesse sentido, o estudo avançou ao tratar a frustração não como falha absoluta da experiência turística, mas como parte constitutiva do próprio encontro entre ficção e realidade.

Como potencialidades para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do corpus empírico para outros atrativos relacionados a Jane Austen, bem como a comparação com universos ficcionais distintos, como séries contemporâneas ou franquias cinematográficas globais. Também se mostra promissora a realização de entrevistas em profundidade com visitantes, a fim de explorar de maneira mais direta os processos emocionais e cognitivos envolvidos na experiência turística. Outra possibilidade consiste em investigar o papel da

hospitalidade doméstica e institucional na mediação entre o espaço real e o imaginário ficcional, aprofundando a compreensão da experiência de acolhimento nestes destinos.

Por fim, este estudo permitiu compreender que viajar, no turismo pop-ficcional, é mais do que deslocar-se: é atravessar fronteiras narrativas, buscar sentido e confirmar afetos previamente construídos. Entre prazeres e frustrações, o turista transforma o imaginário em presença e a ficção em memória vivida. Assim, o turismo revela-se não apenas como prática de consumo ou lazer, mas como uma forma sensível de habitar mundos possíveis, onde a experiência se torna narrativa e a viagem, uma afirmação simbólica de si no mundo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALTA, Guilherme Augusto Pereira; FOIS-BRAGA, Humberto; ALMEIDA, Luísa Antunes; MOREIRA, Alexia de Freitas Garcez; GOMES, Ayla da Silva. A transposição da paisagem ficcional da toca hobbit das obras de J. R. R. Tolkien: uma análise de hospedagens temáticas brasileiras. Turismo: Visão & Ação, Balneário Camboriú, v. 26, e20139, jan./dez. 2024. Disponível em: https://dx.doi.org/10.14210/tva.v26.20139

CHAN, Eric S. W.; HSU, Chih‐Chen; BAUM, Tom. Avoidance of rituality: the distancing from conventional practices in experiential tourism. Journal of Travel & Tourism Marketing, New York, v. 33, n. 1, p. 80–95, 2016.

OH, Hyun‐Wai; FIORE, Anthony M.; JEONG, Mihae. Measuring experience‐economy concepts: tourism experience and escapism as a consumer response to services that deliver experiences. Journal of Travel Research, Thousand Oaks, v. 46, n. 2, p. 119–132, 2007.

MACCANNELL, Dean. The Tourist: A New Theory of the Leisure Class. New York: Schocken Books, 1976.

SILVA, Ana Carolina; SANTOS, Mariana; OLIVEIRA, João Pedro. Turismo literário e Soft Power: uma análise a partir dos romances de Jane Austen. Revista Turismo & Desenvolvimento, n. 41, p. 1–20, 2024. Disponível em: https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/9813/6395.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Pesquisa: projeto, geração de dados e divulgação. Volume 1. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. 256 p. ISBN 978-85-7934-315-5.

VEAL, A. J. Metodologia de pesquisa em lazer e turismo. Tradução de Gleici Guerra e Mariana Aldrigui. São Paulo: Editora Aleph, 2003. 544 p. ISBN 978-8576571070.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura, cultura e turismo: consumo e cidadania. São Paulo: Revista Espaço Acadêmico, 2004.

SQUIRE, Shelagh J. Literary tourism and sustainable tourism: promoting ‘Anne of Green Gables’ in Prince Edward Island. Journal of Sustainable Tourism, v. 1, n. 2, p. 119–134, 1996.

SOUSA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. Recepção literária: um dos espelhamentos da modernidade. Revista Letras, Universidade Federal de Santa Maria, [s.l.], [s.n.], [s.d.].

BAMBA, Mahomed. A recepção cinematográfica: teoria e estudos de caso. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2013. 302 p. ISBN 978-85-232-1104-2

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; MARCELINO, Thays de Oliveira; KÖCHE, José Carlos. Narrativa cinematográfica: um dos mundos possíveis para adentrar o universo

conceitual da hospitalidade. Revista Turismo em Análise, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 454–468, ago. 2016.

JEHA, Júlio. Mimese e mundos possíveis. Signótica, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 79–90, jan./dez. 1993. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7354/5219.

GENETTE, Gérard. Métalepse: de la figure à la fiction. Paris: Éditions du Seuil, coll. Poétique, 2004. 132 p. ISBN 978-2-02-060130-6.

SANTOS, Lucas Halisson Lucena dos. Viajar é fuga? Principais motivações em busca da experiência turística. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 1–20, maio/ago. 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16i2.2113

ANTUNES, Nuno Manuel Biscaia. A experiência turística nas redes sociais: motivações, implicações e impactes da geração de conteúdos. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Marketing Turístico) – Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Faculdade de Economia, Faro, 2016.

CHAN, Wing Yin; TO, Chester Kin-man; CHU, Wai Ching. Desire for experiential travel, avoidance of rituality and social esteem: an empirical study of consumer response to tourism innovation. Journal of Innovation & Knowledge, Amsterdam, v. 1, n. 1, p. 24–35, jan./abr. 2016. DOI: 10.1016/j.jik.2016.02.001. Disponível em: EconStor PDF

LIMA, Luiz Costa. Mímesis: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 178.

RYAN, Marie-Laure. Possible worlds, artificial intelligence and narrative theory. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção. São Paulo: Ática, 1994.

REIS, Carlos. Dicionário de estudos narrativos. Coimbra: Almedina, 2018.

URRY, John. The tourist gaze. London: Sage, 2001.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2015.